



—
•
literatura
livre

Os miseráveis

ALJÂHIZ

Albukhalâ' (868)

Tradução: Safa Jubran

Edição bilingue: POR/ARA

Distribuição gratuita

sesc

— •
literatura
livre

Os miseráveis

Aljâhiz

Edição Bilingue

sesc **mojo**^{org}

Os miseráveis

Aljâhiz

*Anedotas selecionadas, adaptadas
e traduzidas por*
Safa A-C Jubran

INTROITO

A pelidado de Aljâhiz, em razão de seus olhos esbugalhados, Abūthmân¹ bin-Bahr Alkinâni (776-869 d.C.) nasceu e morreu em Basra, no Iraque. Sua família, possivelmente de origem etíope, teve uma posição modesta na cidade, no entanto, sua sagacidade e inteligência o alçaram aos círculos letrados daquela sociedade. Durante o reinado do sétimo califa abássida¹ Alma'mûn, entre os anos 813 e 833, Aljâhiz mudou-se para a capital Bagdá, onde foi patrocinado por vários dignitários, muitas vezes em troca de uma dedicatória em seus livros.

- 1 O Califado Abássida foi o terceiro califado islâmico. Durante essa dinastia, Bagdá, sua capital, foi construída. Isso ocorreu após os abássidas terem destronado o Califado Omíada, cuja capital era Damasco, com exceção da região de Al-Andalus. Vários califas reinaram de 750 a 1258 e, durante esse período, além de Bagdá, a capital foi transferida para várias cidades: Cufa, Raqqa e Samarra. O califado prosperou durante dois séculos marcando a chamada era de ouro do Império Islâmico, até entrar lentamente em declínio.

Foi um escritor prolífico, responsável por moldar completamente as regras da prosa árabe. Dissertou sobre vários temas, inclusive política e religião, porém esses tratados não chegaram até nós. Deles só temos descrições feitas por outros escritores. Mesmo assim, Aljâhiz deixou um legado altamente significativo, do qual destacamos o *Livro da eloquência e da oratória* (*Kitâb albayân wat-tabyîn*), composto de seleções de obras literárias, incluindo discursos, poemas, comentários e tratados. Essa obra ajudou a estabelecer as primeiras bases eruditas da retórica árabe e da filosofia da linguagem. É considerado o segundo mais importante trabalho do autor. O primeiro é o *Livro dos animais* (*Kitâb alhayawân*), que inaugura a zoologia escrita em árabe — muito embora já houvesse, antes dele, quem escrevesse sobre esse tema, como Al’asrî (740-828) e Assujistâni, que produziram textos sobre determinado animal ou grupo, como cavalos, camelos, abelhas ou aves, e cujos interesses eram mais linguísticos que científicos. Aljâhiz, além da língua e da poesia, trouxe neste livro estudos sobre a natureza dos animais, seus instintos, condições e hábitos. O *Livro dos animais* é composto de sete volumes contendo contos, provérbios, anedotas e descrições em formato poético. Versa sobre mais de 350 animais e, muito embora siga o conhecimento e as teorias científicas

vigentes em seu tempo, também enfatiza a influência do meio ambiente e estabelece princípios semelhantes aos da teoria da seleção natural e das cadeias alimentares em uma linguagem literária refinada. O terceiro livro é o que serviu como base para esta tradução. Trata-se do *Livro dos miseráveis (Kitâb albukhalâ')*, considerado uma enciclopédia científica, literária, social, histórica e geográfica. Nele, Al-jâhiz escreve sobre as pessoas avarentas que conhecia. Por essa razão, o autor é muitas vezes narrador e personagem de seus próprios textos. Também há relatos que chegaram ao conhecimento de Aljâhiz por meio das narrativas de terceiros. Mesmo assim, é possível imaginar que muitas de suas personagens sejam inventadas.

Em prosa vigorosa e retratando vários tipos sociais, o autor satiriza a ganância dos mestres, estudiosos, cantores, comerciantes, escribas, pedintes, entre outros. Descreve seus personagens de forma realista, astuta e bem-humorada, porém sem julgá-los e sem a pretensão de difamá-los. No final de uma de suas anedotas a esse respeito ele afirma:

“Não mencionamos os nomes dos indivíduos que trazem desgraça para si mesmos em razão de sua vergonhosa avareza, nem daqueles que a disfarçam. Os primeiros, por respeito a eles

e ao seu direito de permanecerem anônimos; os outros, sendo velados seus gestos por Deus, não nos dão o direito de difamá-los, pois talvez as circunstâncias os tivessem obrigado a tal atitudes. Quando um nome é citado, às vezes, é porque a própria pessoa encara sua avareza como algo jocoso e se diverte com as próprias histórias, considerando-as divertidas”.

Embora o tema não fosse inédito, pois já constavam notícias de avareza e avaros, foi Aljâhiz quem o elevou ao nível literário. Parece que os registros anteriores tomavam dois caminhos: em um estavam aqueles que intencionavam macular os árabes naquilo que mais prezavam, isto é, a hospitalidade e a generosidade, insinuando que aquilo que aquele povo elegia como motivo de orgulho não passava de palavrório e, assim, essas notícias tinham a finalidade de ridicularizar e insultar aquela sociedade; em outro, os apoiadores e defensores do Estado Abássida, estudiosos e letrados a serviço do poder, ou até mesmo simples bajuladores que se esforçaram para macular e desacreditar os descendentes dos Omíadas (membros do poder anterior).

Seja como for, é importante notar que tudo aquilo registrado antes de Aljâhiz sobre o tema não passava de notícias, no sentido informativo, sem refinamento artístico literário. Ainda e embora tivesse tomado muitas histórias

dos que o antecederam, foi ele quem tratou do tema com uma linguagem altamente elegante e, ao mesmo tempo, espiritual e agradável. O próprio Aljâhiz faz uma declaração em tom crítico após contar uma série de anedotas breves:

“[...] Essas últimas histórias não me aprazem, já que não há limites para o exagero ou o excesso. Gosto de me referir àquilo que se dá entre as pessoas e que possa ser comparado, tanto em argumento, como em conduta”.

Deste livro, selecionamos histórias e anedotas traduzidas diretamente do árabe, após ter operado nelas leves mudanças, com o intuito de tornar a linguagem mais assimilável e o conteúdo mais acessível, porém sem retirá-las de seu ambiente histórico e social, nem empalidecer suas matizes medievais. Por isso, embora tivéssemos abreviados nomes e resumido — em algumas histórias — longas digressões, típicas do estilo de Aljâhiz, o texto traduzido continua espelhando os traços importantes do original e, para que isso fosse alcançado, algumas atitudes foram tomadas, entre elas, e em nível de ilustração, incluir alguns termos transcritos a partir do original, como os referentes a pesos e medidas (*habba*, *qirât*, *dâniq*, *dirham* e *ratl*), bem como as moedas (*dinar*, *dirham*, *fals* etc.) cujo valor conservava uma relação com o

peso;² daí também a coincidência dos nomes; no entanto, é preciso lembrar que tanto as medidas como as moedas mudavam de valor conforme a região e a época.

São anedotas protagonizadas pelo que denominamos, dependendo da época e da situação, de “avaro”, “avarento”, “pão-duro”, “mão de vaca”, “mão fechada”, “unha de fome”, “fuiinha”, “fominha”, “ajuntador”, “sovina”, “unhaca”, “mesquinho”, entre muitos outros adjetivos, que aqui intitulamos de **Os miseráveis**, cuja finalidade essencial é nos entreter com seus exageros e inventividades, bem como admirar o estilo de Aljâhiz, sua observação aguda e seu ceticismo, além do senso de humor desse autor que, como adendo a algumas anedotas desta obra, afirmou:

“Essas histórias e outras semelhantes são mais divertidas quando presenciadas e testemunhadas, pois os livros não conseguem dar uma imagem completa do ocorrido nem transmitir a você sua identidade, dimensão e realidade”.

2 Apenas a título de ilustração, o valor aproximado, em gramas, das medidas e pesos mencionados é o seguinte: *habba* = 0,050 g, *qirât* = 0,200 g, *dâniq* = 0,525 g, *dirham* = 3,125 g e *ratl* = 300 g. Já para as moedas, o *dinar* era de ouro, o *dirham*, de prata e o *fals*, de cobre.

OS MESQUITEIROS APRENDIAM E ENSINAVAM A MESQUINHARIA

Havia em Basra um grupo chamado de “os mesquiteiros”. Formado por poetas, contadores de histórias e pretensos sábios, eram, enfim, homens que faziam das mesquitas seus fóruns de discussão, onde passavam a maior parte do tempo. Gostavam de conversar, trocar histórias e informações sobre determinado saber, sobre certa arte. Às vezes, eu me juntava a eles para escutar suas histórias interessantes.

Esse grupo de homens costumava se reunir regularmente na mesquita e tinha como doutrina economizar gastos e multiplicar riquezas. Tal forma de vida era um tipo de laço de afeição recíproca: certo comensalismo entre seus membros. Quando se encontravam, passavam informações em revista, tirando proveito da troca de pontos de vista em torno do assunto predileto.

Certo dia, um ancião entre eles disse:

— Como todos sabem, a água do nosso poço é tão salgada e amarga que chega a causar feridas na boca; nem o burro a aceita, tampouco os camelos a apreciam. É inútil até para regar palmeiras, pois causaria sua morte. O rio é distante de nós, o que torna o transporte de água doce até a casa muito custoso. Por esse motivo, tentamos misturar a água do poço com água doce do rio e demos para o nosso burro beber, o qual, no entanto, adoeceu. Com ele assim inutilizado, perdemos mais do que economizamos. Passamos então a dar-lhe água sem mistura; juro, nós o servimos com a mesma água que nós bebemos! Eu e minha mulher começamos até a nos banhar com a água doce, temendo que a água salubre queimasse nossa pele como fizera com o estômago do burro; e assim aquela água limpa do banho acabava desperdiçada!

“Então, Deus me revelou uma ideia, abrindo diante de mim as portas da justiça e da reforma. Fui até o local de banho e de ablução, escavei perto de um dos muros um grande buraco e reboquei-o com o melhor tipo de argila, espalhando-a com esmero sobre a superfície até que ficou parecido à pedra lisa e, finalmente, direcionei a água ao buraco. Deste modo, agora, toda vez que nos lavamos, a água limpa se acumula ali e o burro não tem dela aversão, nem recusa a água usada para lavar as partes, nem há mal algum em lhe dar tal água para beber, pois não nos consta escrito

ou lei que o proíba. Assim, usufruímos da mesma água duas vezes, economizando os gastos.”

— É de fato uma benção de Deus! — comentaram os presentes, e um deles disse:

— Estamos sendo injustos como nossa irmã Maryam Assannâ

— Como assim? — indagaram.

— Não tomaram conhecimento de sua morte? — perguntou. — Ela era uma mulher frugal e parcimoniosa.

— Conte-nos sua história, quem sabe possamos tirar proveito de seu exemplo.

— Ela tem muitas histórias, mas vou lhes contar uma que será suficiente por ora:

Maryam deu sua filha ainda muito jovem em casamento a um de seus parentes. Na festa, ela adornou a filha com joias de ouro e de prata, vestiu-a com roupas de fino corte, exibiu seu enxoval formado de peças de seda, de lã e de tramas mescladas e coloridas, perfumou o ar e pulverizou todos os objetos com almíscar e âmbar. Tudo fez para enaltecer a filha aos olhos do noivo e prestigiá-la perante os membros de sua família. Findo o festejo do casamento, seu marido indagou:

— Diga-me, Maryam, onde você conseguiu tudo isso?

— Deus proveio — respondeu.

— Não fuja da resposta mencionando Deus e dê-me uma explicação. Deus sabe que você nunca foi uma pessoa de posses e que não recebeu nenhum dinheiro de herança. Sei que você não desperdiçaria nem o meu nem o seu dinheiro, a não ser que tenha encontrado um tesouro e não tenha me contado. Em todo caso, sou grato a você por me livrar da carga que seria custear este casamento, que pesaria inteiramente por sobre meus ombros, e por me poupar do aborrecimento que tudo isso me causaria. Mesmo assim, quero saber: onde conseguiu todas essas coisas?

— Saiba que comecei a planejar desde o nascimento da menina — disse a mulher. — Eu retirava um punhado de farinha do montante que usava diariamente para fazer a massa do pão. Quando chegava a juntar um *ratl*, vendia e reservava o dinheiro; assim, fui juntando *dirham* por *dirham*.

— Você é, de fato, muito sábia. Deus lhe proveu bom juízo e o boa mão. Sou um homem de sorte por tê-la em minha casa. Rogo ao Altíssimo que conceda aos nossos filhos o mesmo juízo e que eles sigam os mesmos passos. Nada superará a felicidade que sinto hoje a não ser quando Deus abonar nossos filhos com seu exemplo.

Quando o ancião terminou de contar aos presentes a história, avisou-lhes que o funeral de Maryam estava acontecendo naquele momento. Todos foram acompanhar o

sepultamento, rezaram por ela, pediram misericórdia por sua alma e ofereceram suas condolências ao marido, compartilhando com ele o pesar pela partida da mulher.

Reunidos novamente, um deles se antecipou e disse:

— Meus caros companheiros, nunca subestimem as pequenas coisas; afinal de contas, tudo o que é grande começa pequeno. Quando o Todo o Poderoso quiser, fará do mínimo o máximo, como aconteceu com nossa irmã Maryam. Como pensam vocês que as fortunas se acumulam nos cofres a não ser somando um *dirham* após o outro? E o que é um *dirham* a não ser um *qirât* somado a outro? E o que são as areias do deserto a não ser grãos que se juntaram, um perto do outro; e as águas dos mares, gota sobre gota! A riqueza acumula-se guardando um *dirham* aqui e outro acolá! Conheço um mercador que vendia pimenta e grão-de-bico sem lucrar quase nada, mesmo assim, seguia juntando o pouco que recebia até que conseguiu o suficiente para comprar mil acres de terra.

“Recordo que, quando fui acometido por uma tosse da qual sofri durante dias a ponto de sentir dores fortes no peito, recomendaram-me comer mingau de baunilha. As féculas de cevada e o açúcar não eram difíceis de arranjar, mas de onde eu traria os ramos da baunilha, se ela só nasce nas terras além-rio? Também aconselharam-me a fazer mingau de amido, açúcar, óleo de amêndoa e outros ingredientes,

daí gritei: ‘Como vou comprar tudo isto? Que conselho mais dispendioso é esse?’ Nada me restava, então, além de pedir a Deus que me curasse e aliviasse minha dor. Segui padecendo de tosse e de dor, até que um dia um homem de ciência, ao tomar conhecimento do meu estado, disse: ‘ferva farelo de trigo e tome sua água quente’. Assim o fiz: bebi a água de farelo, que não era ruim, e fiquei sem fome e sem qualquer vontade de comer até o meio-dia. Depois, após terminar de comer algo, enquanto lavava minhas mãos, notei que a tarde já ia adiantada e o horário do jantar aproximava-se; resolvi então não jantar. Isto deu-me uma ideia que compartilhei com minha mulher: ‘Que tal cozinhar farelo todo dia de manhã e dar aos nossos filhos? Sua água é benéfica para o peito; não viu como me curou da tosse? E, no estômago, é um alimento que satisfaz e diminui o apetite. Em seguida, você poderá secar o farelo, que voltaria ao que era antes, e, quando tiver juntado uma boa quantidade dele, poderá vendê-lo pelo preço que comprou na primeira vez. Assim tiraremos duplo proveito’.

“Minha mulher então respondeu: ‘há males, de fato, que vêm para o bem. Graças a Deus sua tosse nos levou aos benefícios do farelo para a saúde e para o bolso’”.

— Digam-me a verdade, companheiros, não foi este um bom conselho?

— Sim, o senhor tem razão: você não ficará rico se não pensar direito e isto só pode ser uma dádiva divina!

Então outro ancião avançou e disse:

— Ninguém, contudo, se equipara à Mãe Anbariy-ya, mulher que sabe colocar as coisas em seus devidos lugares, cumprindo suas obrigações até o limite. Esta é sua história:

No ano passado, um de seus primos presenteou-lhe com uma ovelha para que fosse abatida na Festa do Sacrifício.³ Quando passei por ela, notei que estava desanimada, triste e cabisbaixa, como se carregasse nos ombros todos os problemas do mundo.

— Não está contente com o presente? — perguntei.

— Estou — respondeu —, mas sou viúva e sozinha e não tenho em casa um homem para gerenciar nossos assuntos e não tenho experiência no manejo com a carne de sacrifício; quem sabia lidar com isso infelizmente já se foi, temo fazer mau uso desta ovelha e assim desperdiçar algumas partes sem encontrar algum uso para elas. Sei que Deus não criou nesta ovelha, ou em qualquer outro animal, nenhuma parte

3 *Eid al-Adha* é uma festa comemorada durante o *Hajj* (peregrinação à Meca). Com duração de quatro dias, é considerada uma das comemorações mais tradicionais da cultura muçulmana. Celebra o evento no qual, segundo a tradição islâmica, o profeta Abraão oferece seu filho Ismael como sacrifício a Deus.

da qual não possamos nos beneficiar ou que não tenha uma utilidade. O que devo fazer? Temo que o desperdício de uma pequena parte possa levar ao desperdício do todo. Veja: quanto ao chifre, não me preocupo, pois posso pregá-lo no teto e usá-lo como gancho para pendurar cestos, sacos de couro ou qualquer coisa que deva ser deixada fora do alcance de ratos, formigas, gatos, baratas e cobras; já os intestinos podem ser usados como corda no arco usado para cardar o algodão, e como estamos precisando muito de um!; o crânio, a mandíbula e os outros ossos, por sua vez, podem ser raspados, cortados, cozidos e depois é possível deixar o caldo esfriar; e quanto à gordura que se juntar na superfície, ela pode ser usada de várias maneiras: azeitar as comidas, fazer mingau, acrescentando um pouco de farinha, amido; a sobra vai para a lamparina, entre outras coisas. Depois disso, os ossos podem ser usados para acender o fogo; nada é melhor do que osso para fazer um fogo de chamas claras, de pouca fumaça e, exatamente por isso, torna-se o melhor fogo para cozinhar. Quanto à pele, é um saco pronto; também haverá inúmeros usos para a lã. Quanto ao conteúdo de seus intestinos, servirá para fazer combustível sem igual. Mas ainda teremos o sangue, e devemos dele nos beneficiar. Sabemos que Deus proibiu apenas o beber e o comer do sangue se o mesmo for derramado, no entanto, há situações em que o

sangue pode ser utilizado. E se não encontrar uma forma de usar o sangue, isto será uma desgraça, como um cancro em meu coração, uma ferida em meus olhos e sei que não descansarei até encontrar uma forma de utilizar o sangue.

— Alguns segundos depois — disse o ancião —, vi seu rosto iluminar-se com um largo sorriso e perguntei:

— Você encontrou uma forma, não é? Conte-me como usará o sangue!

— Pois é — disse ela —, acabo de me lembrar que tenho alguns utensílios de cozinha novos que chegaram da Síria e já ouvi dizer que não há nada melhor para fortalecer o metal do que untá-lo com sangue quente e gorduroso. Finalmente posso descansar! Cada coisa terá um uso adequado.

— Seis meses depois encontrei-a e perguntei-lhe como estava a carne curada da ovelha.

— Que Deus o abençoe — respondeu. — Não chegamos a consumir a carne curada ainda, pois ainda temos muita gordura e lascas de carne raspada dos ossos. Cada coisa a seu tempo!

Naquele momento, um dos homens presentes pegou algumas pedras e as atirou contra o chão dizendo:

— E nós que pensávamos que sabíamos gerenciar as coisas em boa medida! Você não percebe quão extravagante é até mesmo ouvir histórias sobre os bons feitos dos virtuosos; percebo agora quão extravagante eu era!

A ANEDOTA DE LAYLA ANNÂITIYYA E OUTRAS ANEDOTAS

Layla, mulher do povo de Nâ que vivia em uma montanha do lêmén, remendava sua camisola sem parar e continuava usando-a. Tanto que esta passou a ser um remendo só, ao ponto de o tecido original finalmente desaparecer. Tinha também uma capa que era cerzida toda vez que se rasgava. Quando algum remendo se abria, ela re-remendava até que nada mais se visse da capa antiga. Disto ouvi um poeta dizer:

— Vista sua camisa enquanto achar a gola, quando não for mais possível encontrá-la, é hora de trocá-la.

MAIS ANEDOTAS

As pessoas à mesa de Yahya bin-Asîd ainda não tinham terminado de comer quando ele suspendeu um pão, posicionando-o na palma da mão como se o pesasse, e disse:

— As más línguas dizem que meus pães são pequenos. Digam-me então quem é o maldito filho da mãe que consegue comer dois destes pães? Ninguém mais teve coragem de pegar outro pão.

Estávamos eu, Abu-Ishâq e Ali à mesa de jantar de pedra de um fulano, toda ela esculpida com listras pretas e brancas; a louça era chinesa e colorida; as travessas, de madeira fina; os pratos, variados e deliciosos; os pães redondos, tão alvos que pareciam de prata como a lua cheia, brilhavam

como espelhos polidos. Eram, no entanto, racionados. Um pão para cada um dos presentes! Cada um já havia comido o pão inteiro senão por um pequeno pedaço: ainda não estavam satisfeitos e, por isto, não recolheram seus braços. Ninguém, no entanto, trazia-lhes mais pão. Todos ficaram constrangidos e, de vez em quando, beliscavam algo aqui, algo ali.

Conforme a situação se prolongava, um dos presentes, ao notar que ainda havia pão grudado na tigela, dirigiu-se ao anfitrião dizendo:

— Abu-l-Fâtih, pegue este pão, divida-o e distribua entre nossos amigos.

Abu-l-Fâtih fez de conta que não ouviu. O homem então repetiu, e Abu-l-Fâtih sequer dignou-se a atender. O hóspede então gritou:

— O que tem, homem? Por que não reparte o pão? Que Deus reparta suas juntas!

O anfitrião, então retrucou:

— Que este pão sofra na mão dos outros, não nas minhas, que Deus o preserve!

Assim, nós o deixamos após nos divertimos às suas custas, mas nosso amigo não riu nem se sentiu constrangido, muito menos mandou nos trazer mais pão!

Certa feita, visitei o mesmo homem com meu amigo Almakki. Montei em um burro alugado e meu amigo, num emprestado, o qual, no final, chegou quase morto de tanta sede e, por isto, meu amigo disse aos empregados daquele homem:

— Não quero que lhe deem cevada nem nada, apenas água, água!

Atenderam-no colocando diante do burro água do poço para beber. No entanto, a água não era doce e por isso o burro recusou-se a tomá-la, quase morrendo de sede. Assim, Almakki dirigiu-se ao anfitrião dizendo:

— Pelo amor de Deus, este burro está acostumado a beber água doce, pois a casa de seu dono fica próxima do rio Tigre.

— Misture então a água do poço com água doce — disse aos seus empregados.

Mas o burro continuava recusando a água e meu amigo continuava pedindo. O homem, no entanto, só dava ouvidos àquilo que queria.

Em uma outra ocasião, tal homem disse-me:

— Algumas pessoas, meu irmão, mergulham o pão no caldo, por todos os lados; acho que são pessoas que gostam de coisas salgadas. Também vejo quem coloca o pão em molhos bem azedos. Há outros que chegam até a deixar o pão mergulhado por uma hora em molho salgado e azedo. Há quem faça o mesmo na mostarda. Diga-me, que tipo de gente é essa? Qual é o problema dessas pessoas e que tratamento deve lhes ser recomendado?

Quando me certifiquei de sua estupidez e percebi como a mesquinharia dominava sua vida, disse:

— Na minha opinião, o tratamento mais eficaz almejando a cura é proibi-los de comer qualquer tipo de tempero, permitindo apenas o pão seco!

— Juro que você tem razão, para essa gente não há outra alternativa! — respondeu.

Outro amigo nosso, com quem tivemos o desprazer de almoçar certa vez, desconfiava que o julgávamos mão de vaca e tinha cravado em sua imaginação que conversávamos entre nós sobre suas mesquinharias. Por isto, ele excedia-se em oferecer-nos alimentos, variando-os, mostrando seu desejo de comêssemos de tudo, com abundância. Chegou ao ponto de dizer:

— O primeiro a parar de comer pagará multa de um *dinar*!

Ele julgava que algum convidado preferiria pagar um *dinar* a continuar comendo, e que, com isso, ganharia algo! Isto era, na verdade, o que ele desejava!

Tínhamos um conhecido que era tão estranho na sua avareza que chegou a instruir seu padeiro assim:

— Asse bem o pão que vou comer, mas deixe meio assado o pão que será comido por quem aqui de casa que me acompanhar na refeição; quanto às crianças e os convidados, aproxime a massa do fogo apenas o suficiente para ter consistência e cara de pão.

Foi uma tarefa difícil dada ao padeiro, que não conseguiu cumprir. Por isto, recebeu cem chicotadas.

Quando contei tal caso ao meu amigo Abdullâh Al-
‘arûdi, ele riu e disse:

— Isto não foi nada perto do que Qays fez com o homem que cuidava dos assados. Ele aplicou-lhe oitenta chibatadas em razão do ponto do assado. Ele o instruíra assim: “Coloque a carne do cabrito no forno. Quando a mesa for posta e eu perguntar: ‘A carne ainda não está pronta?’ Você responde: ‘Não falta muito! Logo, logo’. Depois, eu pergunto de novo e você traz o assado do jeito que estiver, cru ainda, atendendo às minhas ordens. Ao colocar o assado diante deles, contamos que lhes foi oferecido cabrito. Por ainda estar cru, eles não vão comer. Eu então ordenarei que você devolva-o imediatamente ao forno, porém, como esse tipo de carne demora para assar, você só servirá o cabrito no dia seguinte, já frio. Assim, faremos um cabrito valer por dois”.

Ocorre que o homem que assava as carnes se esqueceu de seguir as instruções e levou à mesa o cabrito já bem assado.

Os convidados, por sua vez, aproveitaram a oportunidade e comeram tudo. Essa desatenção custou ao cozinheiro oitenta chibatadas, o mesmo castigo que se aplica a quem difama uma mulher livre!

Ahmad Almuthanna contou-me a seguinte história sobre um amigo em comum que era um homem encorpado, estudado e de posses:

— Certa vez vi-o pegar uma galinha assada, dividi-la em duas partes e dar uma parte para quem se sentava à sua esquerda e a outra, a quem estava à direita, dizendo a seu criado: “Menino, traga-me uma galinha tenra, esta estava dura”. Achei que o mínimo que os dois homens poderiam fazer era nunca mais voltarem a sentar-se à sua mesa, mas notei que ambos se gabavam por ele ter os honrado aos convidá-los em meu detrimento! Seus empregados conheciam-no bem, eles costumavam entregar em suas mãos um francolim suculento ou uma galinha tenra. Em uma daquelas noites, a vela apagou-se e estava presente à sua mesa Ali Alaswari, que aproveitou a penumbra e fez uma incursão no prato

do dito cujo, roubando um bom pedaço de seu assado, um exemplo ao ditado “a escuridão oculta as mazelas”. Embora não fosse um homem de percepção, ele notou o que Afi fizera e disse-lhe: “É exatamente por esse motivo que os reis não comem com a plebe!”.

Este mesmo Ahmad Almuthanna contou-me que seus empregados, quando recolhiam a mesa, pegavam sobras de pão e agiam da seguinte forma: os que estavam manchados com algum caldo ou gordura, amassavam bem e modelavam como estavam antes; os que tinham um dos lados faltando um pedaço, cortavam de todos os outros lados a mesma quantidade faltante, assim davam a ideia de ser um pão completo; já os que se encontravam pela metade ou menos que isto, cortavam em tiras e fritavam com carne ou com miúdos.

Havia um homem grande, de fala eloquente e gestos grandiosos, como se tivesse sido criado à sombra de um rei. Erudito e de língua afiada: era bom conhecedor dos defeitos ocultos das pessoas, imperceptíveis aos olhos dos outros, da mesma forma que bem sabia das qualidades admiráveis captadas apenas pela mente ajuizada. A tudo isso somava-se uma rapidez em espalhar as mazelas das pessoas, diminuindo-as em suas honrarias e vituperando-as sem a menor generosidade para com as faltas de quem quer que fosse. A sopa que ele oferecia era mesclada: uma parte de cor bem clara; outra, um tanto escura; isto já havia eu notado mais de uma vez. Estava pronto para repreendê-lo por guardar para si a melhor parte de um prato servido anteriormente, deixando para os outros o resto, pois achava que era minha obrigação chamar-lhe a atenção, movido pela sinceridade, franqueza e consideração fraternal que se tem entre amigos. Quando, no entanto, vi a sopa malhada, pareceu-me banal sequer dizer algo, e resolvi, então, calar-me: em situações como esta, um sermão não seria nada mais que palavras fúteis.

Abu-Alhasan Almadâ'ini, que é bem informado, alegou ter visto o chefe de uma tribo Omíada, Mâlik bin-Almun-

4 Uma metáfora equina. Diz-se “malhado” do cavalo que tem duas cores, geralmente branca e preta.

thir, segurar uma tigela de sopa “malhada”. Talvez isto não seja verdade, pois não há notícias de que Mâlik tenha sido miserável, mas o que lhe contei daquele homem eu mesmo vi com meus próprios olhos.

Um amigo contou-me o seguinte:

— Cheguei na casa de fulano na hora do jantar: à mesa, estando esta ainda posta, embora os presentes tivessem terminado de comer, convidou-me para me servir. Quando estiquei a mão para pegar algo, ele disse: “Arremata os feridos, mas não toque nos sãos”. Isto queria dizer pegar da galinha as partes que já estavam arrancadas e meio comidas; do frango, arrancar o que sobrara nos ossos das partes já comidas; não devia tocar nas coxas ainda intactas; do pão, pegar ou o que haviam começado ou que já haviam molhado no caldo.

Meu amigo seguiu com suas anedotas:

— Certa ocasião, comíamos na casa de um fulano, cujo pai estava presente. Havia também um rapaz que ficava indo e vindo, passando por nós várias vezes enquanto comíamos,

mas não notamos que nos observava. De repente, gritou: “Por Deus, como comem! Oxalá Deus nunca encha suas barrigas!”. O pai do fulano, que era o avô do menino, exclamou: “Este sim é filho meu, juro pelo Senhor da ʿĀbāba!

Um outro amigo contou-me uma anedota que lhe foi contada pelo dono dos banhos, que disse:

— Nem te conto a história assombrosa de Şâlih bin-ʿAffân! Ele vinha, todo dia, antes do amanhecer, e adentrava o banho; se me distraísse um pouco de vigiar o recipiente da pasta de depilação, ela pegava um punhado e passava entre as pernas e púbis, depois cobria-se com o avental, que mais tarde tirava, para se lavar no meio da multidão. No dia seguinte,

-
- 5 A Caaba (ou *Kaaba*) é uma construção em formato de cubo localizada na Grande Mesquita em Meca é reverenciada pelos muçulmanos e por eles considerada o lugar mais sagrado do mundo. A Caaba é o centro das peregrinações (*Hajj*) e é para onde o devoto muçulmano volta-se para as suas preces diárias. Antes do Profeta Muhammad repudiar todos os deuses pagãos e proclamar a existência de um deus único, a Caaba passou a ser o centro da nova fé, após ter sido um centro de peregrinação pagã.

chegava no mesmo horário e procedia da mesma forma, porém com as pernas e com uma parte da coxa; sentava-se coberto com o avental, mas logo no primeiro descuido da minha parte, lavava o lugar em que passara a pasta. Voltava no dia seguinte em um horário semelhante para untar uma outra parte do corpo e seguia desta forma até depilar todo o corpo sem pagar um *fals*. Até notei manchas da pasta de depilação em suas calças!

A HISTÓRIA DO ALQURAYCHI

Certa feita, eu caminhava com alguns amigos e, como de costume, nos afastamos do centro da cidade para manter distância do barulho e conversar tranquilamente. Quando passamos perto da casa do Alwalîd Alquraychi, ele nos avistou, saiu e veio ao nosso encontro; juntou-se a nós na caminhada e na conversa. Quando nos aproximamos dos limites da cidade, sentamo-nos em um recinto que beira o muro do pomar de Alwalîd, pois oferecia uma sombra refrescante e reparadora, por ser robusto e distante do sol. Ficamos ali entretidos na conversa e, quando nos demos conta, já era meio-dia e fazia muito calor; preparamo-nos, então, para regressar à cidade, mas logo sentimos a força dos raios do sol e, temendo uma possível insolação, o que certamente nos causaria delírios, propus o seguinte aos meus amigos e a Alwalîd, que estava ao meu lado e também me escutava:

— A cidade está longe e nossas casas ainda mais longe; o sol está a pino e é capaz de derreter qualquer coisa. Sugiro permanecermos na casa de Alwalîd e lá nos protegemos até

o calor diminuir. Comeremos o que estiver disponível, já que em um dia tão quente como este recomenda-se refeições leves. Assim, quando o sol estiver quase se pondo e o tempo já refrescado, separamo-nos e seguiremos cada um à própria casa; do contrário, amigos, se caminharmos neste calor, a morte é certa!

Mal terminei de falar e Alwalîd exclamou, alterando a voz:

— De jeito nenhum, isso jamais acontecerá, convence-te de uma vez!

— Por Deus — respondi surpreso —, como pode nos negar guarida? Você acha que estaríamos aqui não fosse a necessidade e a urgência que nos forçam a isto?

— É que você disse o que disse com tom de avacalhação!

— Onde você viu chacota em minha fala? E como poderia eu ofendê-lo, estando minha vida e a de meus amigos em suas mãos? Além do mais, sei que você tem condições de nos receber.

Neste momento, ele esbravejou mais do que antes, retirou-se exacerbado como se o tivéssemos injuriado e apressou o passo, afastando-se. Olhamo-nos admirados, pois nunca vimos alguém usar algo que imaginara como desculpa para sua avareza, a não ser, claro, Abu-Mâzin, quando de seu encontro com Jabāl Al amiyy.

Jabal Aâmiyy, o cantor, ao sair à noite de uma casa que visitava, e como temia as rondas e desconfiava que alguém o seguisse, pensou: “É melhor passar pela casa de Abu-Mâzin, que não é longe daqui; assim, ali pernoito em um canto qualquer, mesmo que seja na entrada, para não lhe dar prejuízo, e, com a primeira claridade, saio com os que madrugam”.

Bateu levemente à porta de Abu-Mâzin, mas ninguém atendeu. Bateu mais, confiante de que seria atendido, mas ninguém o recebeu. Modificou então o modo de bater, agora, como se fosse a batida de alguém conhecido, um amigo, mas também ninguém lhe abriu. Começou, então, a bater como alguém assustado que precisava de abrigo, o que de fato era o caso. Naquele momento, Abu-Mâzin não teve mais dúvidas de que quem batia à porta era alguém que precisava de orientação, daí desceu rapidamente até a porta e abriu-a. Quando avistou Jabal, parecia ter visto o anjo da morte, mas nada disse. Jabal, que foi recebido pelo silêncio de Abu-Mâzin, explicou:

— Temi o desmando da ronda ou que um salteador me seguisse e batesse, por isto vim até você, buscando abrigo.

Abu-Mâzin, então, fingiu estar embriagado insinuando que seu silêncio foi causado pelo efeito do álcool. Começou

a fingir não poder se equilibrar sobre as pernas como se suas articulações estivessem moles. Enrolando a língua, disse:

— Estou bêbado, por Deus, como estou bêbado!

Jabal retrucou:

— Não me importa como está. É primavera, não é verão nem inverno, não vou incomodar sua gente passando pelos quartos para me acomodar na cobertura, nem é frio para precisar de cobertas e por isso não terá que me oferecer nem cama nem coberta pesada e, como vê, estou cheio de bebida e de comida, totalmente satisfeito, pois estava na casa de fulano, que é muito generoso e sabe tratar um hóspede, sua mesa está sempre posta e repleta. Portanto, de você, só preciso poder cochilar um pouco na entrada de sua casa e partir, logo que o sol raiar.

Abu-Mâzin, então, amoleceu suas pálpebras, língua e mandíbulas e disse:

— Bêbado, por Deus, estou bêbado. Onde estou? Não sei onde estou. O que disse? Não entendo o que diz.

Virou-se, fechou a porta na cara de Jabal e adentrou contente com a desculpa que deu, satisfeito com o bom juízo que lhe proporcionou uma ideia tão eficaz.

A HISTÓRIA DE KHÂLID BIN-YAZÎD, A RESPEITO DO ACÚMULO DA RIQUEZA E DA AVAREZA

Khâlid bin-Yazîd era conhecido como “o velhaco”, tamanha era sua mesquinhez, malandragem e sede por acumular dinheiro. Conta-se que tinha se hospedado no quarteirão dos bin-Tamîm, em Basra, no entanto, ninguém o reconheceu porque estava sempre com o rosto coberto. Certo dia, estava sentado entre eles quando passou um pedinte. Enfiou a mão no bolso para retirar uma moeda *fals*, de cobre. Essas moedas de Basra eram grandes, por isso enganou-se e retirou do bolso um *dirham* — moeda persa de prata de valor maior. Khâlid bin-Yazîd só percebeu o que havia feito quando a estava depositando na mão do pedinte; apressou-se então e retirou-a da mão do pedinte entregando-lhe em seguida a moeda inicialmente pretendida. Nesse momento, foi repreendido pelos presentes que disseram:

— Não cremos que isto seja lícito, além do fato de ser muito vergonhoso!

— Vergonhoso?! — exclamou. — Vergonhoso para quem? Não juntei meu dinheiro com seu arrazoadado e, certamente, não irei despendê-lo segundo suas ideias. Estão vendo este coitado? Ele não é um mendicante do tipo *dirham*, mas de tipo *fals*.

— Como assim? Como você sabe? — indagaram os presentes. — Por acaso você já o conhecia?

— Não — respondeu — nunca o vi na minha vida, mas o conheço pela fisionomia.

— Então você é capaz de reconhecer os velhacos também? — retrucaram.

— Como não? Se já fui eu mesmo andarilho quando jovem e, já naquele tempo, colocava todos os patifes no chinelo! E olhe que havia todos os tipos: quem alegasse ser inválido de guerra; quem fingisse loucura e ataque epiléptico; quem usasse de uma boa lábia; quem não arredasse o pé da sua porta; quem tingisse as pernas e fingisse estar ferido; quem carregasse uma criança recém-nascida, anteriormente preparada para parecer ter alguma deformidade; quem simulasse inchaço entre as pernas insinuando tumor grave; quem puxasse uma criança pela mão, dizendo que era órfã e que precisava de ajuda para criá-la; quem fingisse cegueira, entre muitos outros!

A HISTÓRIA DE ABI-JAFAR

J amais encontrei alguém como Abi Jāfar Attartûsi. Durante uma visita à casa de conhecidos, que o honraram com o que havia de melhor para comer, de beber e também de dormir, além de aromatizar seus bigodes com o mais caro perfume, quando sentiu uma coceira em seu lábio superior, introduziu o dedo pela boca e coçou-o por dentro, por receio de que, caso coçasse por fora, a doce fragrância escaparia do bigode e se perderia entre seus dedos.

A HISTÓRIA DE ABU-AHMAD

Alhizâmi era um homem muito mesquinho, mas também uma das criaturas mais afáveis. Adotava a avareza como modo de vida: apoiava, defendia e pregava a seu favor. Certo ano, o frio chegou mais cedo e, por temer por minha saúde, logo comecei a usar minha capa de lã pura, que não era nem pesada nem cara, já tendo feito uso dela muitas vezes outrora.

Quando Alhizâmi encontrou-me, logo disse:

— Se a extravagância é reprovável nos ignorantes, imagine então quando está presente nos ajuizados, e eu, meu amigo, considero você um homem sábio! Não esperava vê-lo no estado em que se encontra hoje!

— E o que você desaprova em mim hoje?

— Está usando a capa antes do tempo!

— Mas não vê que o frio está adiantado este ano? Se tivesse chegado antes, também seria hora de usá-la!

— Se teme tanto assim o frio, antes usasse, então, uma túnica de algodão, tendo-se dado conta de que ela o aquece, reparando seu grave erro, já que usar lã agora é inaceitável!

— Mas por quê?

— Estamos no fim do verão, quando os ventos ainda são fortes, levantam, carregam poeira fazendo o pó se alojar nas entranhas da trama de lã. Assim quando o tempo ficar úmido ou quando chover, tudo ficará molhado, incluindo esta poeira. O que é o pó senão terra, ou melhor, a polpa da terra, que é salgada; ao ficar molhada, transforma-se em lama, o que faz a lã encolher e enrugar, danificando-a como o cupim faz com troncos de árvores. O estrago que o pó faz é mais rápido que o cupim. Por isso, adia o uso desta capa de lã, procura se aquecer com qualquer outra coisa, afinal é só um frio de verão. Assim, aguarde a chuva cair e passar, a poeira abaixar, a terra secar e o céu limpar. Depois vista sua capa, com a benção de Deus.

Este amigo meu visitava sua família uma vez por ano. Por essa razão, saía para comprar mantimentos que des-

sem para mantê-los ao longo de um ano inteiro. Andava no mercado, analisando o trigo aqui e acolá, perguntando sobre os preços e, em cada vendedor, pesava de cada tipo uma medida conhecida, acabando por comprar aquela que pesava mais. Preferia ou o grão da região ou o de Mosul, a não ser que encontrasse algo de preço semelhante; por ser o grão muito pequeno, evitava o *maisâni*, a não ser que fosse obrigado a comprá-lo. Dizia:

— É um tipo macio e fraco, porém, como o fogo do estômago é o demônio, devemos comer do tipo duro como pedra para que possamos resistir às suas chamas. Se pudéssemos comer pedra, seria ainda mais preferível!

Certa vez disse a ele:

— Fique sabendo que o pão feito com farinha do trigo da região forma um mofo parecido com o barro e a poeira amontoada.

— Que beleza de pão! — respondeu alguém. — Queira Deus que eu fique cada vez mais parecido com a terra, para ser difícil de engolir e ainda mais difícil de digerir.

A respeito do cabelo, costumava dizer: O cabelo branco fede. O embranquecer do cabelo significa sua morte. A questão é que as pessoas por aqui só se contentam quando me cumprimentam com beijos e abraços. O perfume é caro e

usá-lo por costume é um mau hábito e quem quer que tenha perfumes deve guardá-los muito bem, longe da família. Até o boticário guarda seus perfumes em frascos bem selados e longe das mãos de seus melhores empregados. Quanto a mim, não vejo nada ruim em usar pente de sândalo, pois já tem uma fragrância agradável que se adere ao cabelo com facilidade, sendo a melhor característica deste pente disfarçar o cheiro desagradável do cabelo branco. Assim, até o dia de sua morte, seu único perfume era um pente de sândalo, a não ser quando um amigo ou conhecido lhe perfumasse.

‘Ali Al’uswari havia pedido emprestado cem *dirhams* ao nosso amigo. Quando o encontrei, estava triste, aflito e desanimado, como se estivesse carregando todos os problemas do mundo, ao que acabei dizendo:

— Eis alguém que não consegue escapar de emprestar dinheiro a um amigo e, por esse motivo, acaba triste, pois teme que o empréstimo não seja devolvido ou que seja considerado como um presente, ou porque teme a queixa de quem recebeu o empréstimo, dizendo que o mesmo foi

feito não por generosidade, mas por receio. Contudo, nesse quesito, sua fama de avaro é a menina de seus olhos. Eu estou certo de que você já decidira sê-lo há muito tempo e, também, a não se importar com os comentários, então por que está aflito?

— Deus me perdoe! Não se trata disso, mas estava crente de que ninguém mais contava comigo, de que já se tinha perdido a esperança de recorrerem a mim e que todos estavam cientes de que tranquei bem todas as portas e que ninguém mais podia sequer pensar em me pedir dinheiro. Este pedido, no entanto, mostrou-me o contrário: que ainda há aqueles que não perderam as esperanças. Uma das causas da ruína do ser humano é quando ambicionam suas riquezas, pois quando o fazem, começam a tramar e a montar armadilhas contra ele. Se, ao contrário, perdem as esperanças de lograr algo, torna-se um bem seguro. Este comportamento ^{dele} é um esforço para revelar minha fraqueza, e ele me conhece há muito tempo. Se alguém como ele, que tanto me conhece e mesmo assim não compreendeu minhas convicções a este respeito, o que esperar, então, dos vizinhos ou dos conhecidos? É como se estivesse soprando cinzas para fazer fogo ou como quem esfrega uma pedra num pedaço de madeira esperando conseguir faíscas! Como temo ser vítima de algum trabalho de bruxaria ou ainda que Deus Altíssimo tenha me destinado à miséria.

Disse-me ainda:

— Os que se fazem de generosos dizem: “Sua túnica fica melhor em seu amigo do que em você.” Que idiotas! E se meu amigo for mais baixo que eu? Não se enroscaria na túnica e cairia? E se for mais alto e usar minha túnica, o que as pessoas dirão? Ficaria parecendo um mendigo? Existe coisa pior que expor o amigo ao ridículo, fazendo dele uma piada? Não convém, pois, dar-lhe uma túnica sem antes ter certeza de que suas medidas são idênticas às minhas. Mas como seria possível conseguir tal façanha?

Uma vez eu o ouvi dizer:

— Gosto de comer carne que desmancha de tão cozida, mas também aprecio carne que ainda esteja um pouco dura.

— Isto — respondi — não faz sentido; parece aquele que diz: “Gosto da carne de um par de galinhas, não da carne de galinha”. O que você diria a alguém que diz assim?

— Por que você julga estranha uma fala dessas? Eu também gosto de carne de duas galinhas, uma velha e gorda e outra novinha, crua e tenra.

Uma vez perguntei-lhe:

— Você fica feliz quando dizem: “Abdullah, você é um avarento!”?

— Que Deus não me prive de tal epíteto!

— Como assim?!

— Porque ninguém chama ao outro de avaro a não ser que este possua muito dinheiro. Dê-me o dinheiro e me chame de qualquer nome!

— Tampouco se diz que alguém é generoso a não ser quando tem dinheiro. Tal adjetivo reúne louvor e fortuna, mas “avarento” reúne riqueza e desprezo, e você escolheu o mais vil e baixo dos nomes.

— Mas existe uma diferença entre ambos.

— Qual é?

— Quando se diz que alguém é um avaro, afirma-se a permanência do dinheiro em seu poder; mas, se chamar alguém de generoso, estaria antecipando a notícia da perda de seu dinheiro. A palavra “avaro”, embora depreciativa, denota conservação; a palavra “generoso”, apesar de valorativa, implica derrota e desperdício. O dinheiro é útil, engrandece quem o tem e o fortalece, enquanto o elogio nada mais é que palavras vazias e zombaria: dar importância aos elogios só significa debilidade mental e espiritual. Para que servem os elogios ao generoso, se ele acabar com fome e não achar o que comer, se ficar nu e não tiver o que vestir, se sua família ficar sem sustento, enquanto os invejosos esfregam suas mãos com maliciosa alegria?

Estávamos na casa de Dawûd Ibn-Dawûd, em Wasît, na época em que ele era mandatário local. Havia recebido muito presentes de Basra: entre eles, odres de melado de tâmaras, que dividiu entre nós. Cada um ficou com seu quinhão, exceto Alhizâmi, que recusou os presentes. Estranhei seu comportamento, sem poder compreender o objetivo de abrir mão de tudo que lhe era dado. Comentei com Almakki:

— Sabemos que Alhizâmi é inimigo de dar, ato que o aflige sem igual. Já tomar é o que ele mais deseja e almeja, pois mesmo se lhe dão serpentes, cobras e víboras, é certo que ele as aceitaria de bom grado, pelo simples fato de serem dadas. Por isso não entendo o que ele pretende com tal recusa, se sempre gostou de receber e mais ainda se for receber a melhor parte.

— Apesar de ser seu escrevente e da minha amizade com ele ser anterior à sua, mesmo assim, não entendi. Há algo que devemos descobrir.

Quase imediatamente Alhizâmi aproximou-se de nós. Aproveitei então a ocasião para questioná-lo a respeito. Primeiro ele hesitou, porém, após minha insistência, respondeu:

— O prejuízo que me causaria aceitar o presente é o dobro do que ganharia, trazendo-me mais inconvenientes que benefícios.

— A primeira desvantagem é que você teria de agradecer-lo! — comentei.

— Essa é a menor das minhas preocupações.

— Diga, então, de que se trata?

— A primeira coisa é ter de arrumar alguém para carregar o melado, o que significa ter de gastar dinheiro. Depois, estaria em perigo até chegar em casa, e, uma vez lá estando, seria motivo para quererem preparar torta, a qual me obrigaria a comprar farinha e manteiga; isso para não falar do arroz doce, das roscas de nozes e amêndoas, entre outras coisas. Se for vender o melado para me livrar de toda essa gastança, vocês não nunca mais deixariam de falar mal de mim, fazendo-me um mau exemplo diante de Ibn-Dawûd. Se fico com ele, levar-nos-ia à força aos doces e mingaus, o que significa mais manteiga, pois melado é bom com manteiga, o que implica em outros ingredientes e prejuízo; assim, o melado seria mais dispendioso do que as crianças.

“Vocês poderiam me aconselhar a fazer licor com ele. Se eu seguir seu nefasto conselho, terei de alugar panelas grandes, comprar jarros limpos e água doce para o cozimento; terei de pagar alguém para alimentar o fogo, e, se pedir à empregada para fazer este serviço, sua roupa ficará suja por causa da fumaça, o que significa sabão para lavar a roupa, além do fato de que, por ter mais serviço, terá de

comer mais. Depois de tudo isto, se a fermentação não der certo, todo o gasto teria sido em vão e não teríamos retorno em nada, porque o vinagre desse licor muda a cor da carne, escurece o caldo e não serve para temperar comidas. Isto caso vire vinagre, pois a desgraça maior está em todo o processo gorar, isto é, não conseguirmos nem licor nem vinagre. Agora, caso desse certo — que Deus nos livre — e o resultado fosse puro vinho, teríamos de consumi-lo, pois não convém depois de tudo isso guardá-lo. Se ficar em casa para degustá-lo, seriam necessários outros acompanhamentos: franguinhos suculentos, um cabritinho, frutas da montanha, peras, maçãs, uva, romã, além de nozes, amêndoas, avelãs, pistaches e manjerição, o que se poderia desfrutar em casas cuja fortuna não minguia nem se seus bens se esgotam, a quem se é indiferente a que lado cai a sorte, onde se passa o tempo conversando amenidades e ouvindo belas canções.

“Ademais, se ficar em casa para tomar o vinho, teria de chamar alguém para me fazer companhia, o que significa mais comida, petiscos, condimentos e lenha para cozinhar. Tudo isto é oneroso, além de ser uma desgraça e um infortúnio por ser desviante aos bons costumes. Se o convidado for inconveniente, estaria em piores lençóis que um condenado, e se for, Deus me livre, conveniente, o Altíssimo teria aberto as portas do Prejuízo, as quais são difíceis de serem cerradas,

pois os outros gastarão meu dinheiro depois de ter sido eu quem gastava o dinheiro dos outros. Se um dos amigos ficar sabendo que tenho convidado e vinho, vai certamente bater em minha porta sem qualquer escrúpulo; se o deixo entrar, será uma calamidade; se não deixo, talvez fizesse-me começar a gostar da conversa dos que estão em minha companhia e vice-versa, o que me associaria a extravagâncias, sendo eu, enfim, banido da turma dos virtuosos, convertido eu à irmandade dos demônios. Assim, deixaria de tirar proveito dos outros e permitiria que os outros tirassem proveito de mim. Em ambos os casos, serei perdedor. Imagine, então, sofrer ambas desgraças ao mesmo tempo: isto é, dar e não levar. Deus me livre de arruinar a mim mesmo fazendo diminuir minha riqueza após tê-la reunido e aumentado. Que terrível seria essa conduta nesta idade, pois se isso sucedesse na mocidade teria sido mais fácil.

“Esse melado acarreta calamidades ocultas, artimanhas do demônio, enganos de quem nos inveja. É doce, mas sua doçura termina em amargura. Desconfio que Ibn-Dawûd esteja farto de ter-me como comensal e tenha feito isto só para se livrar de mim!”

Em outra ocasião, estávamos na casa de um dignitário, na companhia de muita gente. No entanto, todos estavam quietos e comportando-se conforme exigia a situação. Como o lugar era amplo e Alhizâmi estava longe de mim, Almakki aproximou-se e disse em voz alta:

— Quem é o mais avaro de nossos amigos?

— Abu-l-Hudail — respondi.

— E depois?

— Um amigo que não quero dizer o nome por respeito.

Alhizâmi gritou de longe:

— Está se referindo a mim? — perguntou e acrescentou a seguir. — Que Deus lhes perdoe. Invejam as pessoas parcimoniosas por sua conduta, pela multiplicação de riqueza e por sua eterna prosperidade. Não acham outra forma de difamá-las senão chamando-as de avarentas. São injustos quando chamam de generoso o gastador, pois ignoram seu vício, porém, nomeiam de avaro quem é cuidadoso com seus bens, o que não passa de inveja. Deste jeito, nem o corrompido nem o virtuoso estão salvos de suas línguas.

A HISTÓRIA DE KHÂLID ALQASRI

Conta-se que chegou aos ouvidos de Khâlid Alqasri, o mandatário do Iraque, que o acusavam de ser mesquinho em relação à comida. Certo dia, em uma de suas reuniões, começou a falar de vários assuntos sem trégua. Por fim, arranjou um meio de introduzir uma apologia ao assunto e disse:

— Um dia, nos tempos pré-islâmicos, havia um homem esguio, também chamado Khâlid, que observava as pessoas enquanto comiam perto de camelos que ruminavam. Perguntou ele a seus acompanhantes: “Pelos deuses! É assim que vocês me veem quando estou comendo, com os mesmos olhos pelos quais vejo estas pessoas e estes camelos?” Quando responderam que sim, jurou por todos os deuses que nunca mais comeria algo que precisasse de mastigação e, assim, limitou-se a ingerir somente leite e água; por isso, ficou muito magro e delgado, e daí o adjetivo ‘esguio’.

Khâlid Alqasri, então, seguiu contando:

— Cá estou eu, sofrendo da mastigação, obrigado a mover as mandíbulas e forçado a agir como os animais, sujeitando-me à necessidade e à impotência que existe em tudo isso. Pergunto: por que devo então suportar ver isto nos outros? Não poderia poupar-me desta agrura? Se não me vejo quando mastigo, então não quero também ver os outros! Que cada um coma no aconchego de sua casa, em um lugar seguro e ameno, atrás da cortina, detrás da porta.

Foi isto que nos chegou a respeito de Khâlid Alqasri e de seus pretextos, mas não se sabe se era verdade ou uma acusação mentirosa para atacá-lo em sua dignidade.

AS HISTÓRIAS DE ALKINDI

C Amr Annihyawi contou-me que Alkindi costumava dizer a um inquilino ou até a um vizinho o seguinte:

— Há uma mulher grávida em casa, e as grávidas têm desejos; se desejar algo e não conseguir, pode abortar: o desejo da grávida pode ser provocado pelo cheiro apetitoso de comida. Portanto, quando você fizer comida, mande-lhe uma concha ou uma colher que seja do que se está cozinhando, pois dizem que uma pequena porção pode bastar para acalmar o desejo de grávida. Se, após preveni-lo, você não atender ao meu pedido e ela perder a criança, serás o culpado e terás de pagar uma indenização, por bem ou por mal, tornando-se servo ou escravo!

Segundo Amr, havia quem acreditasse e mandasse à casa de Alkindi um recipiente de comida; às vezes, ele chegava a receber mais de um de cada inquilino ou vizinho. Alkindi consumia essa comida durante dias e chegava a dizer para seus filhos:

— Vocês estão em melhor situação do que os filhos dos donos de terras: eles têm um prato, mas vocês têm diversos.

‘Amr também disse que certo dia estava ele almoçando na casa de Alkindi quando entrou um vizinho, que era também amigo meu. Envergonhado por Alkindi não convidar o recém-chegado para comer, Amr disse:

— Que tal beliscar alguma coisinha do que estamos comendo?

— Juro por Deus, eu já comi — respondeu o visitante.

— Após jurar por Deus, não há nada que possamos fazer — apressou-se a dizer Alkindi.

Com esta frase, Alkindi algemou-o. Se estendesse a mão, seria considerado herege por ter dito o nome de Deus em vão, tendo perjurado em sua própria casa.

‘Amr também conta que certa feita estava na casa de Alkindi quando ouviram cair um cântaro da vivenda das mulheres.

— O que está acontecendo?! — perguntou Alkindi aos berros.

— É do poço! — retrucou uma das criadas, tranquilizando-o ao informar que ele havia perdido apenas a água salgada do poço e demonstrando ser mais sagaz do que seu interrogador!

Ma'bad nos contou:

— Estivemos alojados na casa de Alkindi por mais de ano, pagando-lhe o aluguel na data certa, cumprindo fielmente todas as obrigações e satisfazendo todas as condições.

— Entendo — interrompi-o — que pagavam com pontualidade e cumpriam com as obrigações, mas o que significa “satisfazer as condições”?

— A condição de lhe entregar esterco de cavalo, estrume de ovelha, feno de burro, semente de tâmara, casca de romã; nada de descartar os ossos, nem a sujeira de varrer, pois ele aproveitava tudo para transformar em combustível! Ainda, exigia-nos uma concha de cada caldeirão de comida, tudo para a grávida que vivia em sua casa, e sempre havia uma! Mesmo assim, fechávamos os olhos para sua avareza em razão de sua agradável conversa.

Ma'bad seguiu contando que certa vez estava ele na casa que alugava de Alkindi, quando recebeu a visita de um primo acompanhado por seu filho. Em seguida à chegada dos parentes veio uma nota de Alkindi afirmando o seguinte:

“Se a estadia desses dois hóspedes for de uma noite ou duas, aguentaremos, apesar da pretensão dos inquilinos de que hospedar alguém por uma noite acabará fomentando o desejo de fazê-lo por muitas”.

“Os hóspedes ficarão mais ou menos um mês”, respondeu Ma^cbad em outra nota.

Alkindi não perdeu tempo e respondeu com a seguinte mensagem:

“Isto exige fazermos outra conta: o aluguel da casa para você é de trinta dirham, sendo que, junto com a esposa e filhos, somam seis: isto quer dizer cinco dirham por cabeça. Se o número de hóspedes aumentar em dois, deve pagar mais dois ‘cincos’: assim, contando a partir de hoje, deve começar a pagar quarenta dirhams”.

Ma^cbad, por sua vez, escreveu a seguinte nota contestando a estranha forma dos cálculos de Alkindi:

“A estadia dos hóspedes conosco o prejudica em quê, sendo que o peso de seus corpos cai sobre a terra que aguenta montanhas? Ademais, os gastos com eles são meus. Peço, então, que me informe o que te leva a fazer esta cobrança a mais?”

— Não sabia que ao dizer isto estaria abrindo uma das portas do inferno ou mexendo em um ninho de vespas; não sabia que havia caído em uma armadilha — disse ele — Alkindi me respondeu da seguinte maneira:

“As razões que me levam a isto são inúmeras, sólidas e bem conhecidas; entre elas, a rapidez com que a fossa ficará cheia e o inconveniente de limpá-la, que é oneroso. Há também o fato de que, ao aumentar o número dos pés, aumenta-se o número das pisadas sobre a superfície engessada dos terraços e do piso rebocado dos quartos, dobram as subidas e descidas pela escada que acabamos de reformar; em consequência, o barro descascará, o gesso soltará, os degraus desgastarão e as vigas entortarão, podendo desabar pelo excesso de carga. Se o número de usuários aumentar, aumentam-se as entradas e as saídas, o abrir e o fechar das portas, para nem dizer do trinco, que se soltará; com isto, as dobradiças vão afrouxar e talvez até mesmo se soltar; o cadeado ficará gasto, o que nos obriga a fazer consertos. Mesmo se os adultos tomarem cuidado, as crianças não se importariam; se elas quiserem brincar de zaduw, que exige fazer buracos no chão para esconder as bolas e tacos para desenterrá-las depois, isto, certamente, acarretaria danificar o azulejo e as paredes. Se aumentar o número dos moradores, haverá aumento de pertences, de roupas e de calçados, o

que necessita de mais gavetas e prateleiras para guardá-los, o que significa furar e danificar as paredes para instalá-las.

“Quando aumentam as famílias, aumentam os hóspedes, os visitantes, os visitantes dos hóspedes e seus comensais, o que eleva o gasto de água e torna necessário transportar mais água em mais cântaros, que, quando carregados ou quando esvaziados, gotejam e, quando posicionados úmidos perto das paredes, podem causar mofo e deteriorar rodapés, alastrando até atingir a parede inteira, que certamente correrá risco de desabar.

“À medida que aumenta o número das pessoas, aumenta a necessidade de mais pão e comida, o que quer dizer acender mais fogo para assar e cozinhar; você sabe: o fogo a nada poupa e tudo o que está na casa pode alimentá-lo. Quantos incêndios não consumiram casas inteiras obrigando seus donos a consertá-las, gastando fortunas para tal?! Isto ainda pode acontecer aos donos que estão em circunstâncias adversas e momentos difíceis; às vezes, o fogo pode se alastrar às casas vizinhas, destruindo posses e pessoas. À esta altura, se deixarem o dono da casa lamentando sua própria desgraça, seria suportável; mas não: sempre olharão para ele como um mau agouro e não pararão de assediá-lo com advertências e reprimendas, culpando-o pelos erros dos outros.

“Apesar de o pátio ser amplo, os inquilinos, não satisfeitos, fazem dos andares de cima sua cozinha, nos telhados, sem pensar nos danos que isto poderá causar seja às pessoas ou aos pertences.

Em caso de incêndio, durante à noite, por exemplo, isso exporia as partes da casa que deveriam permanecer ocultas e invioladas às pessoas pervertidas que podem bisbilhotar os segredos escondidos, bem vigiados e encobertos: um convidado não declarado, um dono de casa que quer se esconder dos olhos dos seus, uma bebida que não deva ser vista, um tesouro que se pretendia enterrar, assim acontece de o fogo surpreender a todos. Inúmeras são as situações e circunstâncias às quais as pessoas não queiram dar a saber.

“Depois, montam fornos e fogareiros, apoiam panelas e caldeirões nos telhados, que são feitos de madeira, bambus e uma leve camada de barro. Por acaso, tal telhado aguentaria tanto peso? Não! Ademais, você estranharia se o fogo alastrasse rapidamente por todo o telhado? Estranho mesmo é fazerem tudo isso sem dar a mínima importância aos males que podem nos atingir. Se não se importam conosco, tudo bem; mas nem com nossos bens? O mais estranho ainda é que parecem não se importar nem com seus próprios bens!

“Ainda, muitos donos das casas não têm outros recursos para se sustentarem senão o que conseguem do aluguel de suas casas. Muitos de vocês inquilinos atrasam o pagamento, devem meses atrasados, alegando necessidade e pobreza; assim, o dono da casa fica com pena e alarga o prazo, mas quando a falta de pagamento se arrasta ao longo dos meses, os inquilinos fogem,

deixando os donos das casas sem receber um tostão, com fome e arrependidos por terem tratado os inquilinos com tanta compaixão, são recompensados com o desrespeito aos seus direitos e seu único meio de vida varrido.

“Quando chega algum de vocês para alugar a casa, pintamos e limpamos tudo para agradá-los, mas, quando partem, deixam-na entulhada e arruinada, o que só se pode reparar com gastos dolorosos. O inquilino, ao sair, pilha a casa: leva a tranca da porta, a escada, a jarra com água fresca, até o entulho tomam para si, carregando junto a seus pertences.

“Além do mais, põem-se os inquilinos a lavar as roupas, batendo-as e esfregando-as, para isto tendo de moer os ingredientes no pilão sobre o solo da casa. Por vezes, o inquilino tem a brilhante ideia de bater roupas nas vigas que sustentam a casa, nos batentes das portas, nas soleiras, nas janelas. Mesmo se o dono da casa cuidasse em proteger tais partes da casa, reservando uma pedra no canto da casa para este fim, a crueldade, o descuido e o desleixo para com os bens dos outros, acrescidos da má vontade e da baixaza, incitam o inquilino a bater roupas em qualquer lugar, sem se importar com a depredação, sem pagar indenização, sem sequer pedir permissão ao dono, nem pedir perdão. O inquilino julga muito caro pagar dez dirhams por ano, mas não acha exorbitante que o dono tenha pagado mil dinares pela casa. Os

inquilinos lembram-se muito do pouco que recebemos deles, mas esquecem-se do muito que pagamos por eles.

“Edificações não vivem para sempre; elas acabam demolidas depois de um tempo, pois sua vida é curta. O arrendatário é quem desfruta das acomodações quando elas são novas e é ele quem as desgasta e destrói sua beleza; é por sua causa que as casas envelhecem e têm sua duração encurtada por maltrato. Deste modo, o dono terá de construí-las de novo, o que é um grande prejuízo, sem esquecer dos gastos com a restauração e a reparação. Tudo isto comparado com a renda obtida do aluguel, você verá que os donos saem perdendo à medida que o inquilino saiu ganhando, sem contar que o que se gasta é pago de uma vez, mas o que se recebe chega aos poucos e em intervalos, isso quando o inquilino não adia e prorroga o pagamento, o que exige a cobrança contínua. Sem contar o ódio que os inquilinos têm do dono da casa, mas a solicitude que este tem por aqueles, pois o proprietário deseja boa saúde para seus corpos e prosperidade para seus rendimentos: em se tratando de um comerciante-inquilino, o dono deseja que os produtos sejam vendidos; em se tratando de um artesão-inquilino, o dono deseja que as pessoas o procurem. No entanto, os inquilinos pedem a Deus, dia e noite, para que o dono se ocupe com qualquer coisa para se esquecer de cobrar o aluguel; oram para que o dono seja acometido por algum mal de corpo, uma dor no olho, ou qualquer outra desgraça, tal como uma acusação que possa levá-lo a ser

jogado na prisão, ou até que receba a visita do anjo da morte. O inquilino não se importa com o que aconteça ao proprietário desde que o mesmo fique longe de cobrá-lo. Quanto mais o proprietário se distancia, mais o inquilino terá a sensação de segurança.

“Se, ao contrário, os negócios do comerciante não forem bem e seus produtos não venderem, ele virá correndo até o proprietário para reclamar; quando seus negócios vão bem, e as pessoas correm para comprar seus produtos, ele ganha muito, porém, recusa-se a pagar sequer um qirât a mais de aluguel, muito menos adianta um fals antes do vencimento.

“Ademais, quando paga, o inquilino faz questão de fazê-lo em moedas pequenas, até de meio ou um quarto de dinar, ou até o dirham troca por moedas ainda menores como quem quisesse triturá-las. Isto, no entanto, não passa de uma artimanha para facilitar a introdução de moedas falsas no montante; se mais tarde tal moeda for descoberta e o inquilino questionado, ele vai jurar por tudo que é mais sagrado que tal item não fazia parte de seu dinheiro, que nunca vira tal moeda e que ela jamais esteve em sua posse. Ainda, se o dono enviar sua servente até o inquilino por qualquer razão, ela corre risco de ser aliciada, seduzida e até ficar grávida; se enviar um servente homem, ele também corre risco de ser seduzido ou manipulado... Isto sem contar quando o inquilino decide espionar os vizinhos, escutar suas conversas, abusar de suas mulheres e filhas, roubar suas aves, como se elas não tivessem dono.

Nesses casos, para quem os vizinhos queixar-se-ão? Ao dono, justo ele que pode sofrer ainda com piores ameaças.

“Há ocasiões em que o inquilino adota ares de superioridade sobre o dono, a quem pretende corromper, induzir ao erro, incitá-lo a toda espécie de tentações, abrindo-lhe portas para novos gastos, tudo no intuito de depejá-lo e ganhar às suas custas, fazendo-o emprestar dinheiro para satisfazer seus luxos, até que o inquilino tenha o dono comendo em suas mãos. Então, o proprietário acuado acaba forçado a vender parte da casa ou até hipotecá-la inteiramente para salvaguardar-se. Isto, por sua vez, isenta o inquilino de pagar os atrasados, independentemente de quanto tiver durado sua estadia. A penhora pode se transformar em venda, se não conseguirem pagar na data certa; assim, ele fica com a casa pela metade ou por um quarto do preço.

“Em outros casos, o inquilino novo apresenta-se com uma mulher para fornicar, alegando ser sua esposa, diz que desejam dar uma olhada nas habitações, pois pretendem alugar a moradia: o proprietário entrega-lhes a chave, que é devolvida sem fazer negócio, após uma hora, dentro da casa dado cabo a seu plano, satisfeitos seus desejos carnaís.

“Há vezes em que o inquilino reclama de que os quartos precisam de reforma. Daí, o proprietário compra material, uma série de ferramentas, contrata um profissional e outras pessoas para ajudá-lo. Assim que os trabalhadores se distraírem, o inquilino

lino afana o que puder do material e das ferramentas, levando os trabalhadores o acusarem o proprietário.

“Outras vezes, o inquilino aluga a casa não porque agradou-lhe ela, mas porque fica perto da prisão: assim, os prisioneiros podem fazer um túnel, escapando pela casa, deixando o proprietário em uma situação delicada com a polícia. Ou o inquilino aluga a casa por ser perto de um cambista: assim, o inquilino cava um buraco na parede e rouba o dinheiro, valendo-se da tranquilidade e segurança, por muito tempo sem ser descoberto.

“Outra situação é quando o inquilino comete um crime que exige a demolição da casa. Por exemplo, assassinar alguém e enterrá-lo ali, ferir um dignitário ou seduzir uma escrava, o que possa exigir a vinda do poder público até a casa e, mesmo se os donos estiverem ausentes, ou forem fracos e assustados ou ainda órfãos, nada impedirá a casa de ser posta abaixo.

“Há mais: as casas estão expostas ao perigo idêntico de seus amos, os quais, apesar de serem pessoas boas e generosas, estão entre os mais enganados porque quem entrega sua casa com seus tijolos, madeiras, ferros, portas e tetos dourados a um estranho se expõe ao engano e, sua propriedade, ao perigo, tornando-se virtualmente o depositante e o inquilino o receptor. Além disso, não há nada mais exposto ao roubo e aos maus-tratos do que as casas.

“Não bastasse tudo isso, vocês ainda por cima alugam as casas a terceiros por um preço maior do que pagam por elas,

coagindo e cobrando seus inquilinos. Por que vocês tratam seus inquilinos exatamente como não querem ser tratados por nós? Por que não pagam o que nos devem como exigem dos outros? Depois, constroem no terreno alugado e alegam sociedade mesmo quando os terrenos não são sequer propriedade sua.

[...]

“Há ainda algo muito mais feio que vocês fazem: destroem nossas casas, sendo que elas são nossa fortuna, depredando-as: seu mau comportamento faz baixar os preços a ponto de ninguém mais querer comprá-las nem alugá-las, depreciadas tanto pelos abastados como pelos comuns.

[...]

“Ficou demonstrado que a obrigação de seus convidados é igual aos dos residentes, e o que vale para um, vale para o outro. Logo, cada aumento no número dos moradores acarreta aumento no pagamento.

“No entanto, se me contiver não exigindo aumento, fechando meus olhos às obrigações de vocês, esta boa ação da minha parte seria em vão, dado que não seria perceptível a justa medida da diferença que há em ter mais dois homens. Não me surpreenderia,

tendo visto de você o que eu vi. Se você usar tal fato como argumento, e eu o aceitar, tornar-se-á corriqueira a concessão de que alugar uma casa para um é mesmo que alugá-la para mil, ao que a casa tornar-se-ia uma hospedagem. As palavras do antigo poeta Antara⁶ lhe caem bem:

*“A ingratidão dissuade a alma do benfeitor
Em troca do favor, recebe-se ingratidão: talvez
Quem não agradecesse favores não os fizesse tampouco.”*

.....
6 Antara Ibn-Shaddad foi um famoso poeta e guerreiro árabe pré-islâmico do século VI.

A HISTÓRIA DE ASSAD IBN-JÂNI

No inverno, Assad Ibn-Jâni costumava dormir em uma cama elevada para não ficar próximo do chão frio. Fixava na cama pés de bambu descascado e dizia que “as pulgas deslizam facilmente por sobre tal superfície fina e lisa”.

Ao chegar o verão, as pessoas costumavam suspender ao teto um pano grosso como a vela de barco, com uma corda nele fixada. Tal pano era embebido em água e espargido com água de rosas. Assim, na hora da sesta, ou mesmo à noite, quem quisesse dormir puxava a corda, fazendo o pano movimentar-se, gerando uma brisa agradável e perfumada.

Porém, quando chegava o verão, Assad Ibn-Jâni abria no chão da casa um buraco de um palmo de profundidade, enchia-o com a água salgada do poço, que não servia para beber. Ficava mexendo aquela água até ser absorvida por inteiro pelo chão da casa, o que a deixava fresca e refrigerada, deixando-o tranquilo e satisfeito durante todo o período de

calor. Caso a água secasse antes do término do verão, ele repetia a manobra.

— Minha ventarola é o meu chão: sua água sai do meu poço; e minha casa fica mais fresca; meu gasto é ínfimo. Sou melhor do que todos graças a minha sabedoria e boa administração — dizia Assad Ibn-Jâni.

Conta-se que esse Assad era médico e aconteceu que em certo momento ninguém mais o procurava para tais serviços. Alguém comentou com ele:

— Este é um ano de epidemias, as enfermidades são contagiosas; você é sábio, tem conhecimento e experiência, tem paciência, atende bem e não lhe falta sensatez. Por que, então, as pessoas não o chamam nem o procuram para se consultarem ou para tratarem-se?

— Isto ocorre por muitos motivos. O primeiro deles é que sou muçulmano e esta gente crê, desde antes de eu ser médico... aliás, antes mesmo de eu aparecer sobre a face da terra, que os muçulmanos não são bons nas ciências, principalmente na medicina. O segundo é que meu nome é Assad e deveria ter sido Cruz, Gabriel, Jorge ou João. O terceiro é meu sobrenome Abu'l-Harith, que deveria ter sido Abu-Issa, Abu-Zacaria ou Abu-Abraão. O quarto é que uso túnica branca de algodão, mas deveria usar seda preta, mesmo no verão. A última razão é que falo a eloquente língua árabe,

quando minha fala deveria ter sotaque, como os habitantes de Gundisapūr.

-
- 7 Referência ao famoso centro intelectual do império persa, que, sob o monarca sassânida Kisra, ficou conhecido por sua medicina e erudição. Esse monarca deu refúgio aos cristãos nestorianos que foram perseguidos pelo império bizantino. Após ser conquistada em 638 pelos árabes muçulmanos, a academia de Gundisapur sobreviveu às mudanças de poder e dos governantes. Seus métodos e ensinamentos foram cruciais para o desenvolvimento da famosa Casa do Saber (*Bayt Alhikma*), fundada pelo Califa Alma'mun em 832 d. C., biblioteca e centro de traduções estabelecido à época do Califado Abássida, em Bagdá, no Iraque, no século 9, tendo sido considerada o maior centro intelectual durante a Idade de Ouro do Islã.

AVAROS À MARGEM

Almakki contou-me que certa vez estava ele na casa de Alanbari quando chegou uma escrava da mãe de seu anfitrião com uma bilha vazia e disse:

— Sua mãe enviou-me para lhe pedir que, como vocês enrolam seus cântaros com estopa e colocam feno entre ele e a porcelana, o que deixa a água sempre fresca e refrigerada, e como hoje é um dia muito quente, mande para mim um pouco de sua água nesta bilha, para que ela refresque suas entranhas.

— Você está mentindo, pois minha mãe é mais sábia: não mandaria uma bilha vazia para enchê-la de água fresca. Volte, encha-a com sua água, depois volte e verta seu conteúdo no nosso cântaro, em seguida encha sua bilha novamente, deste modo fica um em troca do outro — retrucou Alanbari.

Nesse momento, Almakki comentou:

— Quer dizer, ele queria que a mãe lhe entregasse uma substância essencial por outra substância essencial e um estado acidental por outro estado acidental, assim sua mãe

se beneficiaria apenas da diferença entre os dois estados... a bem saber, o frio e o calor, mas a quantidade das essências e dos acidentes deveria ser igual.

Almakki prosseguiu:

— Outro dia, quando voltei a visitá-lo, encontrei-o sentado, tendo diante dele um cesto de tâmaras e, do outro lado, sua ama de leite. Toda vez que ele comia uma tâmara, jogava para ela o caroço, que ela apanhava e chupava durante um tempo; depois, depositava-o em um pote para caroços, a serem usados depois, como combustível.

Perguntei a Almakki:

— Você, pelo menos, deixa alguma polpa no caroço?

— Não, por Deus! — respondeu Almakki.

Certa vez, ele percebeu que ela ficou mascando uma semente depois de tê-la chupado; então, ele soltou um grito tão medonho que a fez tremer junto com o chão abaixo dela, como se houvesse cometido algum crime. Cabia à ama apenas fazer o intercâmbio dos estados acidentais, deixando da tâmara apenas a substância essencial: isto é, extrair a doçura do caroço, substituindo-a por sua saliva.

Al-Khalil contou-me que Abu-Qutba possuía três mil dinares, os quais aplicava em seu comércio. No entanto, avaro que era, não vivia conforme quem tivesse tal quantia. De tão miserável, atrasava a limpeza do poço de dejetos até um dia de fortes chuvas; assim, contratava apenas um homem para remover o conteúdo, despejando-o na rua. A torrente dava conta do resto, levando os dejetos até o canal. Entre seu poço e o local da drenagem, havia uns duzentos côvados; então, para economizar dois *dirhams*, ele esperava um ou até mesmo dois meses, sem se importar em jogar seus dejetos na rua, prejudicando os demais.

Al-Khalil seguiu dizendo que ouvira de uma mulher experiente a seguinte história:

Acontecia, no bairro, um velório no qual estavam reunidas as velhas da redondeza e, quando viram que a família do falecido já iniciara a lamentação, agruparam-se em um canto para conversar. No decorrer do bate-papo, chegaram ao tema da devoção dos filhos para com as mães e as despesas que têm com elas; você sabe como são as conversas nessas

reuniões. Cada uma contou o que seu filho fazia por ela, enquanto a mãe de Filawaih (Umm-Filawaih) permanecia calada. Era uma mulher virtuosa, cujo filho fazia-se de asceta, mas, na verdade, a avareza era sua única devoção. Tinha uma venda perto do cemitério, na qual vendia velharias. Então uma delas lhe perguntou:

— Por que você não fala nada de seu filho, como todas nós fazemos? O que faz Filawayh por você?

— A cada Festa do Sacrifício (*Eid al-Adha*), ele me presenteava com um *dirham*, mas deixou de fazê-lo.

— Só um *dirham*? — indagaram.

— Sim. Às vezes, ele mesclava uma festa com a seguinte, assim eu recebia um *dirham* a cada duas Festas — disse Umm-Filawaih.

— Como assim? Como se pode emendar uma Festa à seguinte? Diz-se que alguém emenda um dia no outro, uma semana na outra, um mês no outro, mas chegar a emendar uma Festa em outra é algo que só seu filho é capaz!

OS FILÓSOFOS DA MISÉRIA SÃO MUITOS...

Tammâm bin-Jafar era extremamente mesquinho, principalmente com a comida, a ponto de repreender e vituperar aqueles que comiam de seu pão, tratando-os com a maior animosidade. Ele chegava a dizer que seria preferível que tirassem-lhe a vida!

Se um de seus comensais dissesse: “Ninguém é mais rápido do que eu, seja andando ou correndo”, ele respondia: “O que o impediria de andar mais do que um camelo, ou correr mais do que um cavalo, se come mais do que dez? Acaso alguém pode carregar mais do que a barriga?”.

Se alguém comentasse: “Juro, sou tão fraco para andar, caminho devagar, até uma criança pode me ultrapassar; perco a respiração só de andar uns trinta passos”, Tammâm responderia: “O que há de estranho nisso? Como pode andar se já entuchou sua pança do que deve e do que não deve? Se já engoliu mais do que vinte carregadores podem levar? Pernas ágeis estão no corpo leve! Por acaso você já viu algum

obeso andar com leveza? Quem tem a pança projetada sequer é capaz de se ajoelhar e rezar, de se levantar e de se sentar; não quer que fique incapaz de andar muito e agilmente?”.

Se um dos presentes reclamasse de dor de dente: “Não preguei o olho ontem de tanto que meu dente latejou e doeu”, Tammâm logo comentava: “Não estranho isso: na verdade, o que estranho é como um dente apenas lhe causou dor e não todos eles. Não entendo sequer como você ainda tem dentes na boca: qual dente aguenta tanto mastigar e moer? Por Deus, nem as mós da Síria aguentariam tanto triturar, e qualquer pilão ficaria exausto! Realmente, não sei como tal dor demorou tanto a chegar! Tenha dó de seus dentes e de si mesmo, homem!”.

Já se um outro dissesse: “Graças a Deus, nunca senti dor de dente. Tenho ainda todos os meus dentes intactos!”, Tammâm se apressaria a dizer: “Seu ingênuo! Não sabe que mastigar muito fortalece os dentes, avigora a gengiva e fortalece as raízes, e que poupá-las de mastigar os debilitaria? A boca é uma parte do corpo humano e, assim como o corpo que se move e trabalha fortalece, o corpo cujo repouso se prolonga perde o vigor: o mesmo acontece com os dentes e com outras partes. Mas tenha cuidado, pois o uso excessivo mina a força; por isso, não destrua esta riqueza explorando-a em demasia, pois tudo tem sua medida e seu fim. Note que

sua força agora não é igual à de quando era jovem. Ainda, se não doem os dentes com tanta comilança, sua barriga não reclama de tanto peso?

E ao escutar um dos presentes dizer: “Por Deus, pareço-me acometido pelo mal da sede: bebo muita água, mas nunca mato minha sede. Acho que não existe ninguém neste mundo que beba tanta água como eu”. “Nada estranho nisso”, diria Tammâm, “Pois a terra deseja a água e dela precisa, até o barro necessita de água para umedecê-lo e ficar molhado, mas sempre na medida certa. Já no seu caso, dada a quantidade que come e as grandes bocadas que dá, se tragasse toda a água do Eufrates, ainda faltaria. Você tem ideia do que faz? Já se viu no espelho? Pergunte a alguém que não o bajule e ele lhe dirá a verdade para saber que toda a água do Tigre será incapaz de inundar tudo o que enfia nesta sua barriga”.

Já se ouvisse um outro comentar: “Desde hoje de manhã, tomei de água somente o necessário para satisfazer um bebê. Ontem, durante o dia todo, só tomei um copo. Não creio que exista neste mundo alguém que tome menos água do que eu”. “Sabe por quê?” responderia rapidamente Tammâm, “Porque não há no mundo ninguém mais guloso que você, que não dá lugar nem à água. Você entope sua barriga de comida; a água não encontra caminho para entrar. O que me surpreende é que você não sofra de indigestão: quem

não bebe água enquanto come, não tem ideia da quantidade que ingeriu. Qualquer pessoa que continue comendo sem parar depois de estar satisfeita merece sofrer de indigestão”.

E se acaso ele notasse que alguém entre os presentes estivesse pálido, de olhos murchos, ao lhe perguntar do motivo, ele ouviria: “Sofro de insônia, durmo muito pouco e estou totalmente exaurido por isso: na noite passada, não dormi nada”. Tammâm então estaria pronto para contestar: “Como pode dormir quem enche a barriga até a indigestão? Afinal, como se formam gases e incômodos intestinais que provocam cólica? Aliás, a sede sozinha seria capaz de tirar o sono de quem comesse tanto, e de quem bebesse muito. Quem muito urina acaba passando a noite urinando: como acha que se pode conseguir dormir?”.

Se alguém dissesse: “Graças a Deus, não tenho com o que me preocupar: mal encosto a cabeça no travesseiro, logo pego no sono e durmo profundamente, feito pedra, até a manhã.” Para ele Tammâm também teria o que dizer: “Isso não me impressiona, porque a comida embriaga, como o vinho o faz, isto é, entontece e entorpece; exagerar na comida debilita o cérebro, enfraquece as veias, relaxa todo o corpo. Por isso, não é estranho que durma feito pedra ou como quem quebra pedras o dia todo; na verdade, estranho como você não passa dias, noites e meses dormindo!”

Se alguém comentasse: “Amanheci hoje sem fome nenhuma.” Tammâm apressava-se a dizer: “Cuidado com a comida, nem pouco, nem muito! Isto porque o alimento escasso sem apetite é mais danoso de que quem come muito tendo apetite. E por que reclama? Como pode não sentir vontade de alguma comida hoje, mesmo se for uma migalha de pão, se ontem eu o vi comendo por dez?!”

Tammâm bin-Jafar costumava dizer a quem lhe acompanhava quando bebia: “Tomem cuidado para não comerem durante a ressaca, pois ela só se cura bebendo mais. A embriaguez em si é uma indigestão, e quem estiver neste estado e comer mais, morrerá. Estou avisando! Evitem comer após passarem por uma sessão de ventosas ou de sangria ou após um banho quente. Devem se alimentar de comidas leves no verão, sem abusar de nada e evitarem totalmente as carnes, assim ficarão saudáveis.”

Dizia ainda: “Muitos são corrompidos pelas pessoas insensíveis, como aquele sujeito que se comporta mal nas reuniões, que diz tolices, que conta anedotas impróprias, achando-as engraçadas e motivo de riso. Caso essa pessoa não encontrasse quem risse de suas piadas ou quem não aprovasse seu comportamento inadequado, certamente não as repetiria. Assim, quem diz de um glutão: ‘fulano é bom comilão’, está com isso o encorajando comer mais e mais, o

qual, sem perceber que isso o levaria à desgraça e o aproximaria de sua morte, faz disso um hábito, e pior, um meio para conquistar aprovação e risos. É capaz de comer muito além de sua capacidade, até mesmo além da indigestão, pegando qualquer coisa da mão de qualquer coitado, deixando-o sem o que comer! Se as pessoas dissessem: ‘fulano é um comilão repugnante’, isto certamente seria benéfico, tanto para este, o comilão, como para aqueles, os anfitriões”.

OUTROS AVAROS À MARGEM

Um dia,⁸ Ali, o Cego, foi visitar Yussuf Ibn-Kul-li-Khair⁸, que já havia almoçado. Contudo este disse à criada que trouxesse algo de comer para o visitante. A menina, no entanto, respondeu:

— Não sobrou nada.

— Desgraçada, traga o que tiver. Abu l-~~Alhassan~~ ^{Alhassan} vai reparar. Não há motivo para se encabular na presença dele.

Ali estava certo de que lhe trariam pão de folha besuntado com molho, quiçá torrada ensopada; restos de caldo; osso roído; sobras de assado ou mesmo raspas de pratos e panelas. Mas o que a criada lhe trouxe foi um prato com um pão seco feito de arroz e nada mais. O prato foi colocado sobre a mesinha diante dele, e ao passar a mão e sentir que não havia nada além de pão seco, e apesar de ter compreendido que a frase “não há motivo para se encabular por causa

8 Provavelmente se trata de um nome irônico, Ibn-Kul-Alkhair significa “filho de toda abundância”.

dele”, significaria: “traga qualquer coisa”, mesmo assim nunca pensou que a situação chegaria a tal ponto! Não encontrando mais que aquilo, exclamou:

— Malditos sejam! Era melhor não trazer nada. Abriram mão de toda decência! Tanta conversa sobre “não reparar” e “não se encabular” para isto?!

Muhammad bin Hassan Al’aswad contou-me algo que lhe foi contado por Zakaria Alqattân:

— Alghazzâl (o urdidor) havia alugado um terreno na frente de minha loja, metade do qual, por sua vez, alugou para um pescador com o intuito de abater parte do custo do aluguel. Este Alghazzâl, que era uma lenda da avareza e um exemplo de pão-durismo, costumava trazer de sua casa um pão, que carregava na manga e, na maioria das vezes, comia-o seco. Quando se enjoava de pão seco, adquiria do pescador um dos peixes piores e mais baratos, cujo valor era de uma *habba*, do qual descontava do aluguel do pescador apenas um *fals*. Quando chegava a hora de almoçar, pegava aquele peixinho e passava-o sobre o pão para que este pegasse

algo do cheiro e do gosto, e logo o comia. Às vezes, abria o ventre do peixe, esfregava o pão pelos dois lados do flanco e comia, bocada por bocada. Quando notava que o peixe ficara magrinho, com os lados quase colados, pedia ao pescador que lhe desse um pouco de sal com o qual enchia o ventre do peixe para dar a impressão de ser o sal com que seria preparado. Por vezes, não resistia, e mordiscava o nariz do peixe, arrancando um pedacinho de nada só para colocá-lo em um pedacinho de pão, tornando-o mais palatável. Assim fazia até chegar ao último pedaço de pão, para que deixasse em sua boca o gosto de peixe. Destarte, deixava o peixinho de lado e, quando comprava lã de alguma mulher, dava um jeito de incluir o peixinho no preço como troco equivalente a um *fals*. Era seu jeito de recuperar seu capital e ainda lucrar!

Alguns amigos contaram-me algo que ouviram de Abdullah bin-Almuqaffa a seguinte história:

-
- 9 Importante escritor do século 8 a.C., célebre tradutor persa-árabe da coletânea de fábulas outrora sânscritas, *Kalila e Dimna*.

— Ibn-Judâm Achâbi costumava vir ter comigo. Sentávamo-nos e conversávamos e, quando chegava a hora de almoçar, ele me acompanhava até em casa, almoçava conosco e ali permanecia até o tempo refrescar. Eu sabia que ele era muito rico e muito avaro. Insistia sempre para que fosse visitá-lo e eu sempre lhe dava desculpas, até que certa vez, disse:

— Por favor, você pensa que sou um desses que se sujeitam a grandes gastos e você se compadece de mim? Por Deus, não lhe oferecerei nada mais do que algumas torradas, sal e água do jarro.

— Pensei que ele dizia isto para me convencer a ir até sua casa, como quem ordenasse seu servo — disse Abdullah bin-Almuqaffa— Tudo apenas para demonstrar humildade. No entanto, há nisso uma ambiguidade, pois não cabia a mim que alguém fosse capaz de convidar um amigo para atravessar a cidade de um ponto para outro, para ser recebido com pão duro e sal! E assim, resolvi visitá-lo, e de fato, colocou diante de mim estritamente aquilo que mencionara, ao que apareceu na porta um mendigo, que exclamou:

— Dê-me do que está comendo, e que Deus alimentará vocês com manjares do paraíso.

— Bendito seja — respondeu o anfitrião.

O pobre então repetiu a mesma frase, e o dono da casa também fez o mesmo. Quando o diálogo se repetiu mais uma vez, Ibn-Judâm irritou-se e disse:

— Chega, homem! Já respondi!.

— Louvado seja Deus, nunca vi ninguém negar uma bocada a outro, tendo comida diante de si — disse o mendigo.

— Ai de você, se não for embora — respondeu irritado Ibn-Judâm. — Eu vou até aí e lhe quebro as pernas!

— Deus seja louvado, quem proibiu contrariar a quem pede esmola? — disse o mendigo. — Você ainda ameaça quebrar minhas pernas?!

— falou o pedinte.

Não suportando mais assistir tal cena, Abdullah bin -Almuqaffá disse ao mendigo:

— Vá, poupe a si mesmo e a sua saliva, pois se soubesse como ele cumpre suas promessas, não permaneceria aí nem mais um minuto!

Abu Ya'qûb Athaqnân disse:

.....
10 Referência a um versículo do Alcorão (93:10).

— Nunca faltou carne em minha casa desde que fiquei rico.

As pessoas que o conheciam diziam que era verdade, isto é, que ele nunca ficou sem sentir o cheiro de carne.

Toda sexta-feira, comprava um *dâniq* de carne bovina, um de cebola, outro de berinjela e, também, de abóbora, e mais um *dâniq* de cenoura, caso fosse tempo dela. A carne era cozida primeiro, depois sobre ela despejavam todos os legumes cortados, uma camada de cada tipo; acrescentavam água e cozinhavam a mistura. Quando a comida ficava pronta, passavam pão na superfície do pote e comiam o pão com o que nele grudasse da gordura, deixando intactas as camadas de legumes até o dia seguinte. Assim, no sábado, mergulhavam o pão até ficar um pouco embebido do caldo e comiam-no. No domingo, comiam as cebolas; na segunda-feira, as cenouras; na terça-feira, as abóboras; na quarta-feira, as berinjelas; finalmente, na quinta, comiam a carne, e, por isto, dizia: “nunca passei sem carne desde que fiquei rico”.

Ouvi este relato de alguns amigos:

Hospedamo-nos na casa de um habitante da região norte e achamos aquelas bandas muito frias. A casa daquela família era rodeada de tamargueiras que poderiam ser usadas para fazer fogo para nos aquecer. Quando comentamos que não havia nada melhor que tamargueira para fazer fogo, eles responderam:

— De fato, é exatamente por isso que cuidamos de ficar longe delas.

E, quando perguntamos a razão, disseram:

— A fumaça da tamargueira abre o apetite; assim, quem a exala fica sempre com fome, e nossos filhos são muitos!

Almakki contou-me:

— Meu pai tinha um tio paterno que se chamava Sulaymân Alkathri, “O-muito-mais”, por ter muito dinheiro. Quando eu era criança, ele me tratava muito bem, mas desde que me tornei adulto, nunca mais me deu um tostão sequer, muito menos um presente qualquer, pois já superava o limite da avareza, e em muito mais!

Um dia fui visitá-lo: encontrei-o sentado e, diante dele, havia um prato cheio de pedaços de doce de canela que não

valiam um *qirât*. Assim que parou de comê-los, fiquei com vontade de comer também e estendi a mão para pegar um pedaço, ao que ele me lançou um olhar de águia, e disse:

— Não retire a mão, estenda-a, pegue à vontade, não deixe no prato nenhum pedaço, coma tudo. Minha alma é generosa. Estenda sua mão, aliás, estenda as duas, Deus sabe quanto feliz fico pelo bem que estou fazendo a você!

Retirei a mão rapidamente, larguei os doces diante dele, levantei-me e fui embora, em direção ao Iraque e, desde então, nunca mais nos vimos.

Almakki disse:

— Quando meu tio-avô ouviu-me recitando um poema de Umru' Alqāṣ que dizia:

Temos cabras que levamos ao pasto,

Das mais velhas, os chifres parecem bastões.

Lotam a nossa tenda com leite e manteiga

Se delas está cheio de comer e beber, considere-se rico

Logo comentou:

11 Umru' Alqais (ou Imru' al-Qays ibn Ḥujr) foi um poeta árabe pré-islâmico. Ele é o autor de uma das sete odes da famosa coleção de poesia pré-islâmica *Al-Mu'allaqāt* (*Os poemas suspensos*).

— Se ele tivesse mencionado algumas roupas, teria sido esplêndido!

Quando o criticavam por estar sempre taciturno, car-rancudo e raramente sorridente, ele respondia:

— O que me impede de rir é saber que o homem se predispõe mais a tirar proveito da generosidade quando está contente, sorridente e sereno!

Mahfûz Annaqâch caminhou comigo certa noite após deixarmos a mesquita, pois o trajeto até as nossas casas era o mesmo. Quando nos aproximávamos de sua casa, que era mais próxima da mesquita, convidou-me para pernoitar ali. No entanto, recusei o convite e ele contestou, dizendo:

— Aonde vai, homem, nesta chuva e neste frio? Além disso, está uma noite escura, sem luar nem estrelas, e não há o que ilumine seu caminho. Tenho c¹²lostro de ovelha sem

.....
12 É uma forma de leite de textura espessa, secretado pela maioria dos mamíferos nos primeiros dias de amamentação pós-parto. Era costume comê-lo misturado com açúcar ou mel.

igual, espesso e cremoso, e magníficas tâmaras que ninguém jamais experimentará igual.

— Juro por Allah que não quero incomodá-lo, mas não me deixou nenhuma porta para me desculpar. Logo, fico.

Já estando em sua casa por mais de que uma hora, trouxe-me um copo de colostro e um prato de tâmaras, e, quando estendi a mão para apanhá-los, disse-me:

— Abu^Uthman, este é um colostro muito espesso e de difícil digestão; já é noite, tempo de repouso e sossego, a noite está úmida e você não é mais jovem. A idade pesa em seus ombros e frequentemente ouço você reclamar da dor da hemiplegia que o aflige, além do fato de que você não gosta de jantar e prefere ir de estômago vazio para cama. Se comer agora do colostro e das tâmaras, mesmo sem abusar, ou se se controlar para não ficar de estômago cheio, terá de escolher entre dois cenários: não comer ou comer muito pouco, em nada aproveitado a não ser incitar seu apetite, sentindo fome, porém sem comer. Se comer até ficar satisfeito, passaremos todos uma noite difícil cuidando de você, pois poderá sentir dores e não temos vinho nem mel para lhe oferecer. Se digo isto é para que não você não afirme amanhã isto e aquilo, acusando-me de avareza. Juro que estou entre a foice e a espada: se mencionasse o colostro e não lhe oferecesse, me acusaria de ser um homem sem palavra e avaro; se não o

advertisse do perigo de comer a esta hora, mencionando o que poderá vir a lhe acontecer, você diria: “Que amigo é este que não teve compaixão e não me aconselhou para o meu bem!” Por isso, eis-me diante de você, inocente de qualquer acusação. Cabe apenas a você fazer o certo. Se quiser, coma o colostro e sofra, ou suporte um pouco mais e dormirá um sono tranquilo.

Juro que nunca ri tanto como naquela noite. Comi tudo e não senti peso nenhum; acredito que foram as risadas que ajudaram a fazer digestão. Se tivesse tido companhia e entendesse o que Annaqqâch disse, teria morrido de rir. Rir sozinho não é tão perigoso como rir acompanhado!

ABU-L-QAMÂQIM

Abu-l-Qamâqim disse:
— O princípio mais importante da economia é não permitir que aquilo que chega às minhas mãos passe às suas. Pois se chegou às minhas mãos pertence a mim, e se não for meu, tenho mais direito a ele do que quem o pôs em minha mão, pois quem solta algo que está em seu poder e dá a um outro sem ser obrigado é como entregá-lo de bom grado. Largar ou dar cabo de algo quase equivale a dá-lo.

Uma mulher então disse-lhe:

— Maldito Abu-l-Qamâqim, eu que me casei com um homem que só me procura durante o dia: já está na hora de chegar e ainda não me preparei. Toma este pão, troca por mirto; tome este *fals*, traga-me unguentos, e eu rezarei para que Deus o recompense. Talvez Deus infunda no coração do meu marido um grande amor por mim e tome-me como esposa permanente; assim, quem sabe, por seu intermédio, acabo ganhando um lar e uma família, pois, juro: minha

situação anda lastimável; já passei por tanta coisa. A vida também está passando sem ter filho nem apoio.

Pegou o pão e o *fals* e desapareceu! Dias depois, encontrando-o, ela o recriminou:

— Não tem pena do que fez comigo? Fui pedir sua ajuda e, além de falhar comigo, arruinou minha vida!

— Sua infeliz, por que não me pergunta sobre o que sucedeu comigo! O *fals* caiu e não consegui achá-lo; de tanta mágoa e aflição, comi o pão!

Abu-l-Qamâqim apaixonou-se por uma mulher: ele a seguia e ela o repelia. Ele, no entanto, continuava a importuná-la, confessando-lhe sua paixão e chorando, até que ela cedeu e aceitou sua companhia. Ela era rica; ele, pobre. Certo dia, pediu-lhe para fazer um cozido, com o pretexto de ter ouvido dizer que ninguém fazia tal prato como ela. Dias depois, voltou a importuná-la com o capricho de que queria comer assado; depois, pediu doce de tâmaras com manteiga e coalhada. Ela atendeu. Não satisfeito, pediu mingau. Quando ela ficou farta, disse:

— Falam que o amor fica no coração, no fígado ou nas entranhas, mas seu amor parece não passar do estômago!

Abu-l-Qamâqim foi pedir a mão de uma jovem em casamento e insistiu perguntando sobre suas posses, fazendo sua família contar e recontar o dinheiro até que lhe disseram:

— Muito bem, agora que você já sabe sobre seus bens, conte-nos dos seus.

— Por que perguntam? O dinheiro dela basta para nós dois! — respondeu.

RICOS E POBRES

Ouvi um ancião de Alubulla dizer que os pobres de Basra eram superiores aos de seu povo. Ao escutar isso perguntei:

— São melhores em quê?

— Têm mais respeito pelos ricos e mais consciência de suas obrigações para com eles.

Ocorreu uma disputa entre dois homens de Alubulla, um dos quais lançou contra seu oponente palavras muito grosseiras, às quais o outro respondeu ao mesmo modo. Notei que a gente de Alubulla reprovou o segundo duramente, mas sem compreender o motivo disso, perguntei:

— Por que censuram a resposta deste homem que só respondeu ao ataque do primeiro?

— Porque o primeiro é mais rico que o segundo e, se deixarmos isso acontecer, permitiremos que nossos pobres respondam aos ricos e os desafiem, o que será muito danoso.

Hamdân bin-Şabâh, então, contou:

— Um visitante de Basra hospedou-se na casa de um homem de Alubulla, sem pressa para partir. Então, quando a maré estava alta, os anfitriões disseram: “Nunca vimos uma maré tão alta, e como é bom navegar na maré alta, pois singrar nessa maré até Basra é mais agradável que vir para Alubulla na maré baixa”. Repetiram essas palavras até o visitante se tocar e ir com a maré!

Ahmad bin-Alkhârki, natural da ilha de Kharâk, no Golfo Pérsico, era mesquinho, presunçoso e extremamente repugnante. Enquanto toda a gente usava túnica com dois

botões, ele tinha quatro para dar a impressão que usava duas. Comprava cachos de tâmaras e ramos de palmeiras e, quando o carregador levava os itens até ele, deixava-o esperando por mais de uma hora na porta até que toda a vizinhança o visse e pensasse que era o dono daquelas terras que produziam tudo aquilo.

MISCELÂNEA DE EXTRAVAGÂNCIAS

A Imakki contou-me o seguinte em suas palavras:
— Pernoitei na casa de Ismâ'abin-Gazwân,
que me ofereceu passar a noite após saber que eu
já havia jantado na casa de Muwais b. Imrân, onde comi,
bebi e ainda saí levando comigo um odre de vinho. Assim,
recebeu-me muito bem e, quando já havia transcorrido a
maior parte da noite, o sono já se apoderava de mim. Como
ninguém me falou onde eu iria dormir, fiz do tapete mi-
nha cama, e das minhas mãos, o travesseiro. Não havia no
recinto nada além de um tapete de orações, um colchão e
uma almofada que ele me arremessou, mas eu a recusei e a
devolvi; ele insistiu, jogando-a novamente para mim e eu,
por minha vez, a recusei. Foi quando me disse:

— Por Deus, você se apoia no braço para dormir, tendo
uma almofada a mais?

— Mas você só tem uma!

— Tenho o colchão. Ele me basta!

Aceitei a almofada, posicionei nela minha bochecha e tentei dormir, mas não consegui, talvez por não estar na minha casa ou por não ter debaixo de mim uma cama macia. Já ele, pensando que eu já pegara no sono, aproximou-se de mim devagarinho, como uma serpente, e começou a puxar lentamente a almofada debaixo de minha cabeça. Deixei-o retirá-la, mas depois ri e disse:

— Você não precisava fazer isso, eu a recusei, mas você insistiu.

— Estava apenas ajeitando-a sob sua cabeça. Não seja injusto comigo!

— Deixei que a levasse e não falei nada até você se afastar.

— Não era minha intenção, eu vim para ajudá-lo; mas quando a almofada ficou na minha mão, esqueci-me do que vim fazer! A culpa é do maldito vinho que afasta as pessoas de seu juízo, deixando-as desmemoriadas.

Alhizâmi, Almakki e Al'arûdi me disseram ter ouvido Isma'îl bin-Gazwân perguntar a alguém:

— Não é do senso comum que os mesquinhos são em geral mais sagazes que os desprendidos? Aqui estamos, uma confraria que, aos olhos das pessoas, alguns são generosos; outros, tacanhos. Que cada um observe e diga francamente: quem dos dois grupos é o mais razoável? Cá estou com Sahl bin-Harûn, Khaqân bin-Şubayh, Jafar bin-Sâd, Alhizâmi, Alarûdi e Abu-Yâqûb Alkhuraymi, quem fica do outro lado, além de Almakki?

Almakki uma vez me contou:

— Certa vez disse a Ismâil bin-Gazwân: “Como as pessoas não reconhecem o favor! Nunca vi ninguém que houvesse gastado generosamente seu dinheiro com as pessoas, mas quando precisasse fosse recompensado igualmente”. Parece que minha fala acabou coincidindo com o que ele pensava e prezava, por isso retrucou:

— Se o que fazem fosse do agrado de Deus e estivesse em conformidade com o que é correto, teria o Senhor reunido contra eles a perfídia e a vileza de todos os cantos do mundo? Se esse gasto fosse sensato, Deus seja louvado, não teria escolhido submetê-los a todo tipo de desgraça.

Tammâm b. Abi-Na'im contou-me que tinha um vizinho que, ao celebrar uma festa de casamento em sua casa, pensou em oferecer um único doce feito de amêndoa, mel e água, chamado *faluthâq*. Quando comentaram que isso seria muito dispendioso, respondeu:

— Sou capaz de suportar os maiores gastos com isto para ganhar a paz familiar sem mais custos. Que Deus maldiga as mulheres pelo disse-que-disse do qual participam! Tenho certeza de que quem as obedece e segue seus caprichos é pior do que elas ou que é uma besta!

Lembro-me agora de uma história:

Conta-se de um homem que havia alcançado o auge da avareza, tornando-se um exemplo e tema de anedotas e histórias. Diziam que quando um *dirham* chegava às suas mãos, segurava-o por um bom tempo, falava com ele, sussurrava segredos, manifestando-lhe devoção e

repreendendo-o por ter demorado a chegar. Entre outras coisas, dizia:

— Quantas terras percorreu, quantos bolsos abandonou e por quantas bolsas passeou; quantos desvalidos elevou e quantos nobres rebaixou! Eu lhe prometo, comigo não serás desnudado nem exposto ao sol; ao entrar em meu bolso, não sairá mais, nem ficará sozinho, pois terá muitos irmãos. Habite, em nome de Deus, esta morada, onde não será escarnecido nem sequer vilipendiado, muito menos incomodado.

Esse era seu lema: “Um *dirham* colocado no bolso jamais será libertado”.

Conta-se que os membros de sua família tinham vontade de comer frutas ou doces e insistiram veementemente que gastasse para isto um único *dirham* que fosse. Ele sempre se desvencilhava do assunto, dizendo:

— Isto é uma desgraça das grandes!

Até que um dia não pôde mais fugir e saiu para comprar o que pediam levando somente um *dirham*. No caminho, deparou-se com um encantador de serpentes que colocou

em torno do pescoço uma víbora que parecia pronta para enforcá-lo e percebeu que tudo que ganhou dos espectadores não somava mais que um *dirham*. Nosso homem então disse a si mesmo:

— Por Deus, este pobre homem quase se mata para receber um *dirham*, enquanto eu estou prestes a gastá-lo em algo de comer ou beber! Isto só pode ser um sinal de Deus!

Então, voltou para sua casa sem comprar nada, com um *dirham* no bolso, sem dar ouvidos à sua gente, os quais diziam que ele levava, em razão de sua avareza, uma vida lamentável. Chegaram a desejar sua morte para que ele lhes deixasse em paz, ou qualquer outro jeito que os fizesse viver livres dele.

Quando faleceu, pensaram que descansariam dele. Alegraram-se, esperando dias melhores. Chegou, então, seu único filho, apoderou-se de todo o dinheiro e da casa e logo inquiriu:

— O que meu pai costumava comer com seu pão? Pois é bom que saibam, a maior corrupção está nos molhos.

— Ele usava como condimento um pedaço de queijo que tinha.

— Tragam-no para mim.

Quando o filho examinou o queijo, notou um risco no meio, como se fosse um pequeno canal entre dois elevados, e indagou:

— Que vala é essa?

— Ele não cortava o queijo, passava o pão por cima, o que formou esse afundamento.

— Foi assim que ele me destruiu então, colocando-me nesta miséria. Se soubesse não teria nem orado por ele.

— E como você faz com o queijo? — perguntaram.

— Eu o ponho longe e aponto para ele com o pão: faço o gesto de longe e me satisfaço com o cheiro.

Ibn-Juhâna Athaqafiyya disse:

— Surpreende-me como alguém possa negar vinho a quem o pede, posto que é pedido geralmente para fazer sangria como terapia para um mal qualquer, para ser usado na sessão de ventosas para diminuir as dores, para oferecer a uma visita, para o dia de comer peixe fresco, com o qual combina muito bem, ou para tomá-lo após o remédio, para remover o amargor. Ninguém o pede aos outros se já o tem, por exemplo, para armazená-lo com objetivo de especular ou para tirar proveito, vendendo-o. O vinho é algo que convém pedir aos amigos, sendo um belo gesto trocá-lo entre eles;

além do mais, se o vinho abunda e é barato, por que negá-lo? Na minha opinião, quem nega vinho só pode ser considerado destituído de condutas honrosas e generosas. Não temo que possa me faltar logo, pois quando retiro meu vinho dos meus companheiros de bebida para ressarcir minhas reservas, ficaria com vinho em excesso, em falta ou ficaria na mesma. Assim, serei agradecido sem ser prejudicado. Em relação a qualquer pessoa que negligencia ter a reputação de ser generosa quanto a algo que não lhe cause prejuízo, é preferível a ter a reputação de ser mão-aberta em algo que que possa lhe trazer prejuízo.

Ibn-Juhâna falou a respeito de sua generosidade em oferecer seu vinho a quem o pede, mas não menciona sua avareza ao escondê-lo seus companheiros para economizar o vinho que beberiam.

Al'asmâ, ou talvez um outro, disse:

— Algumas pessoas forçaram a venda de um cavalo a um homem que o levou à sua casa, o atou à manjedoura e foi dormir. Quando despertou no meio da noite, encontrou-o

comendo; voltou a dormir, mas logo mais acordou por algum motivo e encontrou o cavalo ainda mastigando; engoliu sua raiva e voltou a dormir, mas, quando despertou pela terceira vez e encontrou o cavalo ainda comendo, chamou seu criado aos gritos: “Filho da mãe! Pegue este cavalo, venda-o pelo menor preço, dê-o para quem não se importa ou devolva-o para seu dono, degole-o, se for preciso, dormi e acordei três vezes e ele não pregou um olho, disposto a acabar com minha fortuna, ou melhor, está querendo acabar comigo, me aniquilar!”.

Abu-I-Hassan Almadâ'ini contou-me que havia na sua cidade um comerciante de tâmaras cujo servente, ao entrar na tenda a mando de seu senhor para pegar ou procurar algo, demorava ali muito tempo a ponto de o mercador suspeitar dele e acusá-lo de permanecer ali para comer as tâmaras. Após passar um dia inteiro interrogando o servente, que negava, pediu a ele que colocasse um pedaço de algodão branco na boca e o mastigasse. O servente obedeceu e, depois, entregou o algodão ao mercador, que o examinou e descobriu que

havia certa doçura nele e que sua cor ficou amarela. Sua sentença então foi: “Demora aqui dentro para praticar sua atitude abominável, fez isso todos os dias, chega! Saia daqui!”

Almissri, vizinho de Addardurîchi, cuja fortuna era incalculável, contou-me:

— Certa vez, estava caminhando ao seu lado quando um pedinte o parou e, além de não lhe dar nada, repreendeu-o. Depois, quando passou por outro pedinte, agiu da mesma forma, porém com raiva.

— Você parece detestar os mendigos mais do que tudo! Por que isso? — perguntei.

— Quer saber a razão pela qual os detesto? Porque a maioria deles tem mais dinheiro que eu — respondeu.

— Não acredito que você os odeie por isso. Não seria por que você não gosta de lhes dar esmola? — disse.

— Sabe qual é objetivo de todos eles? Se puderem, demoliriam minha casa, estragariam minha vida e arrasariam minhas terras; ao dar esmola a um deles, você abre a porta para todos. É como a chuva que começa com uma gota; se

eu os atendesse toda vez que me pedissem, teria me transformado em um deles há tempo. E você não quer que eu odeie aqueles que tão mal me querem, fazendo de mim um pedinte às portas das pessoas? — afirmou.

Seu irmão era seu sócio em tudo e não era menos mesquinho. Em um dia de sexta-feira, ao passar por sua porta voltando da mesquita, ofereceu-nos um prato de tâmaras frescas, pois era época, e em Basra costumam dois *dâniqs*. Enquanto comíamos e conversávamos, chegou Addardurîchi, passou por nós sem cumprimentar-nos e apressou-se para dentro da casa, fato que nos causou estranheza, sendo que, antes, ele sempre nos mostrava afabilidade até demasiada, talvez como recurso para proteger seu dinheiro, pois sabia que se juntasse a parcimônia ao orgulho seria seu fim! No entanto, não conseguimos entender a razão daquela atitude.

Na sexta-feira seguinte, o irmão voltou a nos convidar para um prato de tâmaras ao passar na frente de sua casa. Enquanto nos servíamos, Addardurîchi saiu de casa, passou por nós e não parou nem nos cumprimentou. Censuramo-lo por isto, mas continuamos sem saber o motivo.

Na terceira sexta-feira, apareceu aborrecido e passou por nós cheio de raiva. Logo em seguida escreveu para seu irmão:

“Meu irmão, somos sócios desde crianças, muito antes de termos muitos filhos e, quando estes aumentam, a discórdia pode

se instalar. Temo que nossos filhos nos contrariem e deixem de seguir nossos passos, ignorando a benção que é a associação; temo que cometam algo que cause animosidade. Metade do que está em meu nome é seu e metade do que está no seu nome é meu: há coisas na minha casa e outras na sua sem saber onde está a maior parte. E, quando chegar a nossa hora, do que não há como fugir, temo que ocorra uma guerra entre nossos filhos e intermináveis disputas entre as mulheres. Na minha opinião, devemos encerrar já com as possíveis causas das desavenças”.

Quando o irmão leu a carta, ficou preocupado e até aterrorizado. Não soube o responder. Analisou a questão, ponderou fatos e imaginou coisas, mas não teve nenhuma luz e, conforme foi pensando, foi ficando cada vez mais perdido.

— Ai de vocês se alguém errou uma palavra sequer que possa ter causado essa desgraça! — disse duramente para seus filhos, após reuni-los.

Todos, no entanto, negaram, inclusive as mulheres, quando ele vociferou dizendo que aquilo só poderia ser culpa das mulheres.

Uma vez que se certificou da inocência de toda família, saiu descalço e caminhou a pé para ter com o irmão:

— Que vontade é essa de querer dividir e repartir? Chame imediatamente se quiser todos os homens justos e santos da mesquita para que sejam testemunha de que tudo

é seu e que não sou mais de que o administrador de seus negócios e suas propriedades. Leve tudo da minha casa para sua e deixe-me sem nada no chão, e se comprovar que estou enganando ou me aproveitando de algo, faça o que bem entender, mas agora quero saber qual é a minha culpa, em que falhei para insistir na separação?

— Não há falha nenhuma, embora não haja mais remédio: dividir é preciso.

Então o irmão voltou a lhe pedir para lhe dissesse o motivo, rogou e suplicou repetindo a mesma ladainha até a meia-noite, mas Addardurîchi não cedia. Até que o cansaço tomou conta dele. Só assim decidiu falar com franqueza:

— Já que insiste, vamos lá: fale-me de você estender um tapetinho na entrada da casa toda sexta-feira, fale-me de oferecer tâmaras e água fria a ponto de fazer nossa entrada um ponto de encontro nas sextas-feiras. Pensa que somos cegos, não vemos tais liberdades? Se hoje você lhes oferece tâmaras frescas e amanhã, açúcar e depois de amanhã doce, depois mel, assim as reuniões que acontecem agora às sextas-feiras se estenderiam a outros dias e assim, das tâmaras passa-se ao almoço e para o jantar e depois, quem sabe, não comece você a esbanjar generosidade, oferecendo roupas e agasalhos e também cabras e carneiros e só Deus sabe onde isso vai parar! Juro que lamentaria se os cofres do Estado e

os tributos territoriais do reino tivessem tal destino, o que diria, então, do dinheiro de um comerciante que juntou cobre por cobre, tostão por tostão e moeda por moeda?

— Era essa a razão? Não se preocupe: se quiser que não coma nunca mais uma tâmara mesmo quando sozinho, o farei e, se quiser, nunca mais convidarei ninguém, nem sequer falarei com eles!

— Você errou uma vez, cuidado para não repetir o erro: errou em convidá-los e alimentá-los, não erre agora ganhando sua inimizade. Saia desta situação da mesma forma que entrou. Obedeça-me e estará a salvo.”

Abu-I-Hudail, que era um homem simplório, deu uma galinha de presente a Muwais, homem nobre, rico e generoso, que aceitou o presente de bom grado, apesar de a galinha não ser de boa qualidade. Mesmo assim, elogiou sua gordura e sua carne gostosa e tenra, pois sabia quão velhaco era o outro, que o perguntou:

— Abu-^cImrân, o que me diz daquela galinha?

— Maravilha das maravilhas!

— Se soubesse de que raça era e que idade tinha, pois as galinhas não são iguais, distinguem-se pela idade e o tipo que afeta seu sabor... Se soubesse de onde é e como costumávamos alimentá-la e engordá-la...

E assim seguia com este tipo de conversa, enquanto ‘Imaran ria junto com seus convivas pelo motivo que todos sabiam, exceto Abu-I-Hudail, ingênuo que era!

Nas reuniões com ele, se alguém mencionasse uma galinha, ele se dirigia a Muwais dizendo: “Não se compara esta àquela que lhe dei de presente, não é?” Se se tratava de um pato, de cabrito, de ovelha e até de carne de vaca, ele comentava: “Quanta diferença entre isto e aquela galinha!” Se retrucassem dizendo que “a gordura daquela carne era agradável”, prontamente dizia: “A gordura saborosa encontra-se especialmente na carne bovina, nos ventres dos peixes, nos patos; se considerar aves diferentes, entre as galinhas, nada se compara ao sabor da gordura do tipo daquela galinha”. Se durante a conversa alguém mencionasse algum evento tipo o nascimento de uma criança, a chegada de alguém ou qualquer outro acontecimento, dizia: “Quando foi isso? Um ano após tê-lo presenteado com aquela galinha, ou teria sido uma semana depois?”.

Desde então aquela galinha tornou-se pivô de comparação de todas as coisas e uma data para absolutamente tudo!

Certa ocasião, ele dirigiu-se a Muhammad bin-Aljahm, quando estava em sua casa na companhia de vários amigos, e disse:

— Sou tão esbanjador que não consigo guardar nada, a não ser pelo tempo que a água escorre pela peneira. Estas mãos são tão hábeis em ganhar dinheiro e tão inaptas em gastá-lo. Quantos milhares de *dirhams* você acha que distribuo entre meus amigos durante uma reunião? AbuUthmân está ciente disso. Por Deus, diga AbuUthmân, você sabe disso, não sabe?

— Não temos dúvida do que está dizendo — respondeu Muhammad bin-Aljahm e concluiu:

— Que Deus o perdoe, não ficou satisfeito de eu estar presente quando falou tudo aquilo, até me pediu para testemunhar diante de todos!

A HISTÓRIA DO AL'ASMA 91

Algumas pessoas foram ter com Al'asma acompanhando um mercador que havia arrendado dele toda sua colheita de tâmaras, a fim de lhe participar das perdas que aconteceram e pedir-lhe encarecidamente que lhe fizesse uma redução no pagamento. Após ter ouvido suas justificativas e aos notáveis que o acompanharam disse:

— Já ouviram falar de partilha injusta? Pois é, isto é o que me propõem, dividir o prejuízo, mas não o lucro. Isto, por seu pai, é o tipo de negócio que não é sério! Deste modo, poderiam comprar para mim a colheita de grãos de todo Iraque, se fosse nessas condições! Além do mais, como saberei se o que diz é verdade ou mentira? Vamos supor que seja verdade: por que devo aceitar o que me propõem? O simples fato de tê-lo apoiado e acompanhado até mim demonstra que vocês acham que é seu dever apoiá-lo; no entanto, acho que vocês nisto já o prejudicaram, pois se eu julgasse que ele teria algum direito, não seria necessário que vocês intercedessem por ele: eu mesmo o recompensaria

sem sua ajuda. Mas já que se sentem obrigados a ajudá-lo, dividiremos a perda entre nós igualmente. Entro com a mesma quantia que cada um de vocês. Acho isto uma boa atitude de quem assume uma responsabilidade e, assim, estaríamos dispostos a penar por algo que não nos concerne para contentar a quem é responsável.

Ao escutar isto, todos se levantaram e saíram. Quanto ao mercador, que se viu sem apoio e sem argumento, recuou do seu pedido e acabou pagando o valor integral a Al^{ca}asma

A HISTÓRIA DE ABU^çUYAINA

Jáfar, o sobrinho de Wâşil, contou-me dizendo:
Disse a Abu^çUyaina que um homem agiu de modo adequado quando questionou sua mulher sobre a carne que tinha comprado e ela respondeu:

— O gato comeu — ao que ele pesou o gato e depois disse:

— Este aqui é exatamente o peso da carne. Agora eu lhe pergunto: onde então está o gato? Parece-me que está iludindo a mim — disse Abu^çUyaina.

— Juro que você merece isso — Jáfar respondeu e continuou: — É um ancião que beira os cem anos, com grandes recursos, sem muitos dependentes. É pago para discutir questões religiosas, sendo a ciência para você, além de prazer, uma profissão; em vez de se aposentar, reunir em sua casa homens de conhecimento e conversar com eles, é visto com um pé no pomar, outro no campo com os que plantam palmeiras, outro no mercado e ainda outro pé no porto. A um homem você pede um fardo de gesso;

a outro, uma carga de cobre; e assim por diante. Para que este apego à vida? Por que se cansa tanto? Até quando vai se ocupar destas pequenas coisas? Se fosse jovem, ainda no início da vida, querendo se casar e formar família, como seria então? Se suas dívidas fossem grandes, tendo os seus sempre pedindo sem parar, como seria? Há pouco o vi vestido em trapos, andando descalço no meio do dia. Contaram-me que perdeu um pedaço de melão e ficou perguntando onde o mesmo estaria, como se fosse de uma barra de ouro. Cançados de suas perguntas, disseram “o gato comeu”, daí você deu o resto do pedaço ao gato para ver se diziam a verdade ou mentiam, mas o gato não comeu o melão, então você exigiu que lhe pagassem o preço de um melão inteiro. E assim sugeriram que, por estar de noite, talvez não conseguiram enxergar bem. Assim, seria possível que fosse o gato do vizinho quem comeu o melão, não o deles, e, por isto, ao jogar para ele o pedaço, não comeu porque era um gato ou que estava satisfeito ou que não gostava de melão. Pediram, então, um tempo para poder testá-lo com outro alimento e adiar a decisão de castigá-los, mas você negou. Que avareza é essa?!

— Ai de você, seu desgraçado! — replicou. —Tudo que fiz foi dissuadi-los de fazer o mal, com um pouco de maldade.

Ziad bin-Abihi¹³ em seu famoso discurso disse: “Juro que não hei de conseguir fazê-los se comportar com justiça sem valer-me de meios injustos”. Quanto ao que me reprova, respondo com o que ele disse: “Se tivesse na mão um ramo de palmeira e me dissessem que já estamos quase na hora da Juízo Final, me apressaria em plantá-la imediatamente”. Abu-d-Dardâ’ também disse quando se encontrava nas últimas: “Casem-me porque não quero me encontrar com Deus solteiro”. Ainda os beduínos árabes afirmam: “Quem esquenta a cabeça no verão, terá as panelas quentes no inverno”. Já o Mikrāz pronunciou: “A indolência é um leito macio sobre o qual apenas um homem torpe e preguiçoso encontra prazer em reclinar”. Abdullâh bin-Wahb,¹⁵ por sua vez, disse: “Gostar de repousar leva à fadiga”. Omar bin-Alkhattâb disse: “Cuidado com o descanso, pois é um grilhão” e acrescentou: “Se paciência e gratidão fossem camelos, não me importaria qual deles montaria”. E disse mais: “Façam como os ~~Mada~~¹⁶ comportem-se rudemente, montem seus cavalos sem estri-

13 Também conhecido como Ziad bin-Abi-Sufyân, foi um administrador e estadista na época dos Califas e do período Omíada, em meados do século 7.

14 Mikraz bin Hafis Al’akhiaf, um antigo cavaleiro.

15 Homem corajoso e eloquente, esteve na conquista do Iraque e lutou ao lado de Ali bin-Abi-Talib. Morreu em 658.

16 Nome das antigas tribos do norte da Península Arábica.

bos”. E, dirigindo-se a Amr bin-Mu‘ayyid Karib,¹⁷ que queimava de dor de barriga após comer carne, disse: “Deve caminhar no forte calor”. E acrescentou: “Ande de pés descalços, pois nunca se sabe quando precisa correr em situações difíceis”. Foi ele também quem afirmou: “Se o trabalho é esforço, o ócio é podridão”. E para Sa‘d bin-Hatim, disse: “Evita a comodidade como quem evita o pecado”.

Então Abu-‘Uyayna finalizou respondendo a Jafar:

— Pois é, não gosto da preguiça. E você, fique achando que abandonarei as injunções dos profetas, a doutrina dos califas e os ensinamentos dos antigos árabes para seguir suas ideias!

.....
17 Famoso guerreiro e poeta, chefe dos Banu-Zubaid, chamado de “Cavaleiro do Iêmen”.

NOTA

O texto em árabe publicado a seguir em edição digital faz parte do projeto Literatura Livre.

Ele é um dos originais da obra *Kitâb albukhalâ'* (Os miseráveis), de Aljâhiz. consultadas pela tradutora Safa A-C Jubran.

A versão em português dos contos anedóticos de Aljâhiz que faz parte do projeto Literatura Livre é, portanto, fruto de uma seleção feita a partir de vários originais árabes. Por essa razão, a tradução para o português não segue a exata organização ou a totalidade dos capítulos presentes na obra em árabe que aqui apresentamos.

A seleção dos textos traduzidos para o português respeitou os seguintes critérios: a tradutora escolheu os textos que conversam com maior profundidade com o projeto Literatura Livre e que representam melhor a sociedade retratada pela obra.

Decidimos publicar o texto árabe dessa versão, (adaptada e facilitada) na íntegra para ajudar possível estudiosos que queiram estudá-lo não apenas parcialmente, mas em sua integralidade.

OS MISERÁVEIS

Os miseráveis

3

Introito.....5..	As histórias de
Os mesquiteiros	Alkindi.....54.
aprendiam e ensinavam	A história de Assad
mesquinaria...11	Ibn-Jâni.....68
A anedota de Layla	Avaros à margem.....71
Annâtiyya e outras	Os filósofos da miséria
anedotas.....20	são muitos.....75
Mais anedotas...21	Outros avaros à
A história do	margem.....81
Alquraychi.....33	Abu-I-Qamâqim.....92
A história de Khâlid	Ricos e pobres...95
bin-Yazîd, a respeito do	Miscelânea de
acúmulo da riqueza e da	extravagâncias...98
avareza.....37.	A história do
A história de	Al'asmiã.....114
Abi-Jâfar.....39	A história de
A história de Abu-	Abu-Uyaina.....116
Ahmad.....40.	Nota.....120
A história de Khâlid	
Alqasri.....52	

Literatura Livre.....125.

Ficha técnica.....132.

LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dernistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da europa oriental, do oriente médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas parcas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seu filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!



literatura livre

obras_[works]

O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk) ; Os miseráveis
(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales).

tradutores

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,
Ricardo Giasseti, Safa Jubran.

produtor executivo

[executive producer]

Ricardo Giasseti

editores

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

revisores

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

diretora de arte

[art director]

Larissa Meneghini

ilustrações

[illustrations]

André Ducci

editoração digital

[digital art]

Fernando Ribeiro

FICHA TÉCNICA



SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no

Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

presidente do conselho regional

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

diretor do departamento regional

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

superintendentes

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

gerentes

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

presidente

[president]

Ricardo Giassetti

diretores

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,
Renato Roschel, Tatiana Bornato

INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural entre fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso objetivo reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

A414 Aljâhiz (776 -869)

Os miseráveis / Aljâhiz. Seleção, adaptação e tradução de Safa A-C Jubran. – São Paulo: SESC, Instituto Mojo, **2019. (Coleção Literatura Livre).**

E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 476 p.

Disponível em:

<https://mojo.org.br>

<https://literaturalivre.sescsp.org.br>

Título Original: Albukhalâ' (868). Edição bilingue Português / Árabe.

ISBN 978-85-455108-8

1. Literatura árabe. 2. Conto. 3. Cultura Islâmica Medieval. I. Título. II. Série. III. Jubran, Safa A-C, Tradutora. III. SESC – Serviço Social do Comércio. IV. Al-Jahiz (776-869). V. Abū Othman'Amr ibn Bahr al-Jahiz (776-869). VI. Jubran, Safa Alferd Abou Chahla. VII. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. VIII. Literatura Livre.

CDU 821.41121

CDD 892.7

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino - CRB 6/1154

A fonte original desta obra foi fornecida pelo Governo da Síria:

<http://syrbook.gov.sy>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>